Ao Sr. ...
Prof. Dr. Wilhelm Storck
off.
grato e respeitoso
o auctor

NUVENS

J. LEITE DE VASCONCELLOS

NUVENS

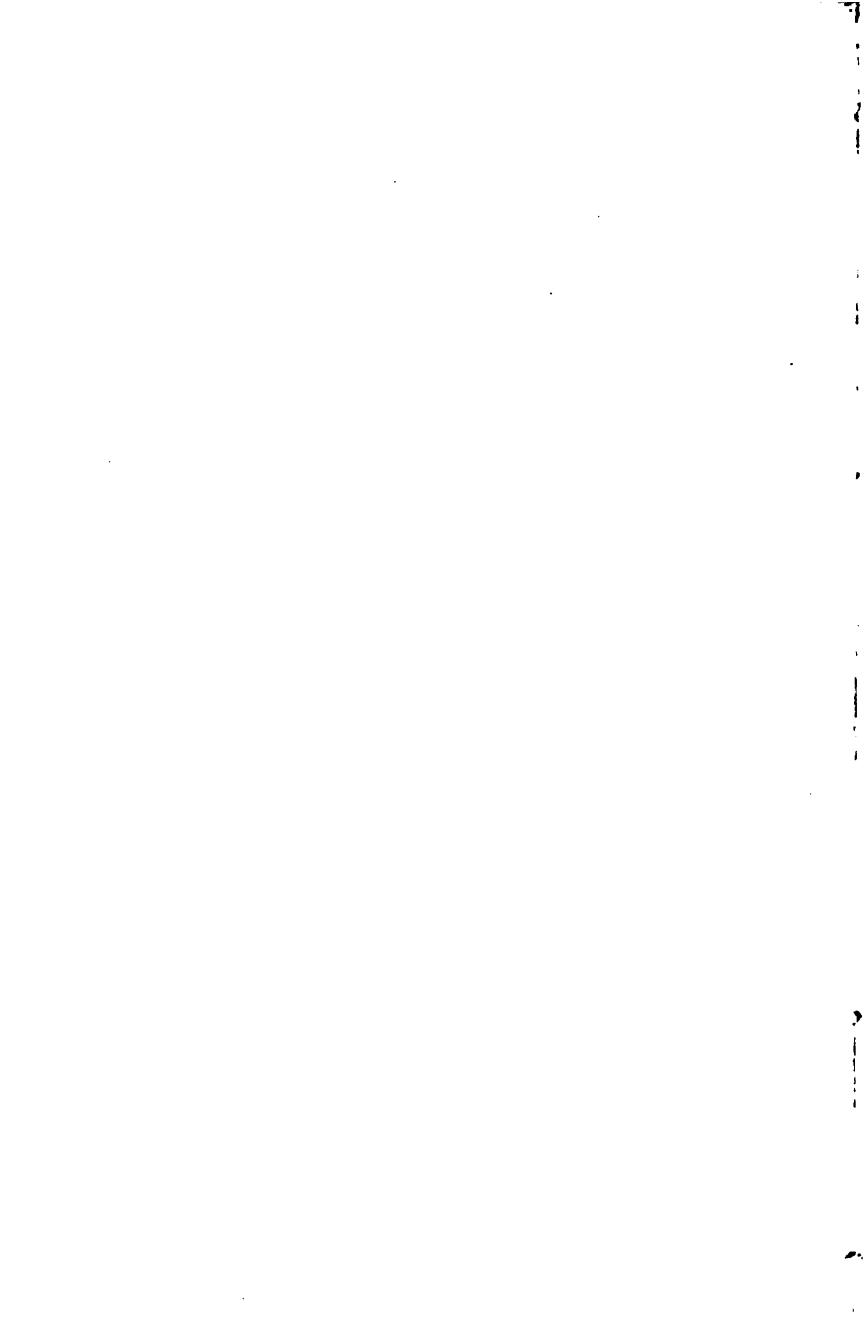
PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
1898

A' MEMORIA

DE

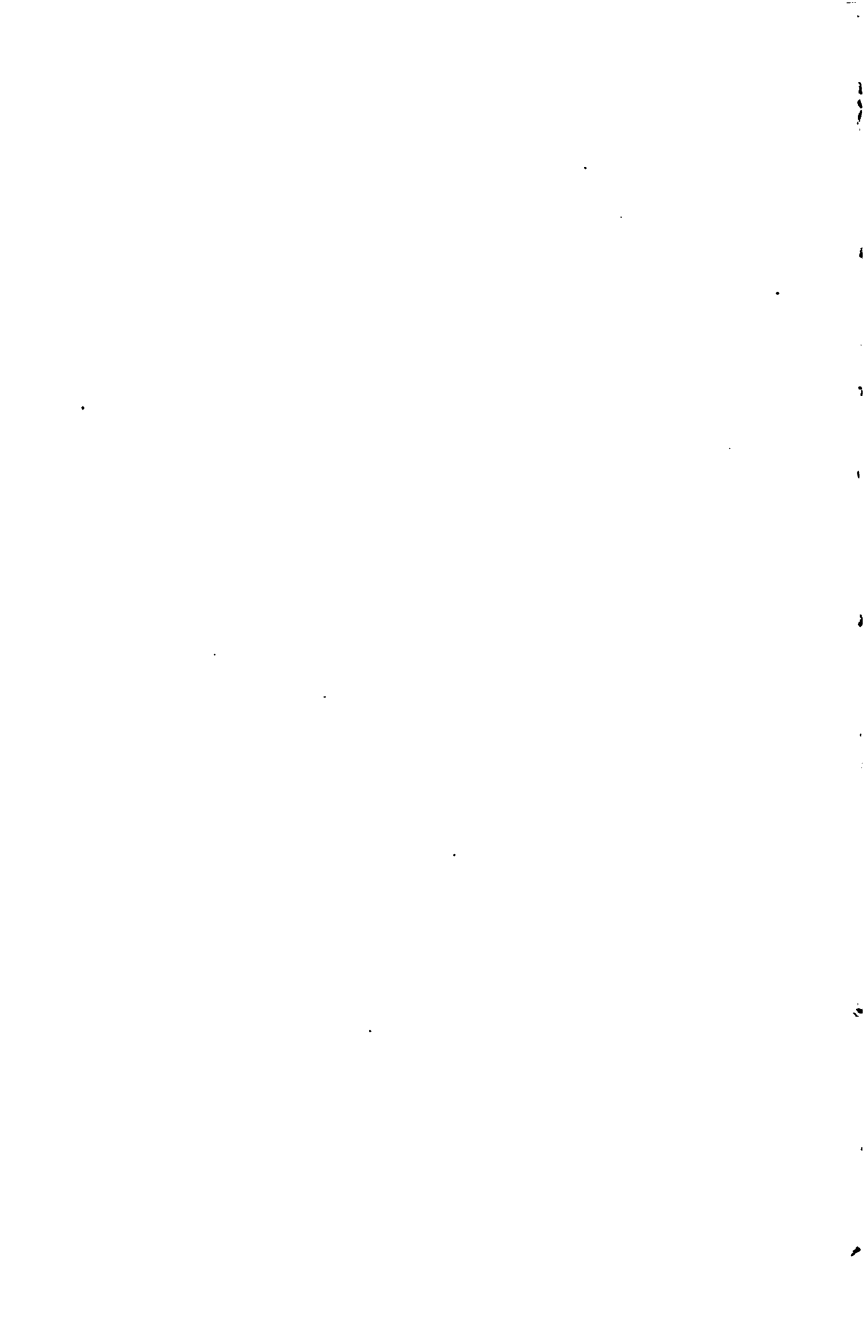
MINHA QUERIDA TIA

D. Antonia Guilhermina Leite Pereira de Mello

(DA UCANHA)

Ó nuvens, sois os nossos pensamentos,
Nossos sonhos de glória e de alegria,
Nossas horas de amor, nossos tormentos,
Phantasticas cidades da poesia,

D'onde ás vezes ouvimos ao luar,
Do ceu sereno na amplidão sem fim,
Á meia-noite, as Fadas a cantar
Ao som de lyras de oiro e de marfim...

Na velhice, — memorias sempre amadas...
Aspirações dos nossos annos verdes...
Ó nuvens, que tão alto ides levadas,
P'ra depois nos espaços vos perderdes!

Lisboa, 1897.

ADEUS

Adeus! e logo que, talvez em breve,
Eu, ai de mim! sem vida ao chão cahir,
Não cesses de chorar, pomba de neve,
Porque lá no outro mundo hei-de-te ouvir.

E, quando á paz eterna da materia
O meu corpo voltar, todo desfeito,
Entra de noite na mansão funerea:
E sobre a terra que cobrir meu peito

Colloca attentamente o teu ouvido,
Escuta, escuta bem, que mesmo então
Por ti ha-de bater meu coração,
A um punhado de cinza reduzido!

Se, porém, no sepulcro, ó meu amor,
Vires, á luz da lua argentea e bella,
Desabrochar o calyx de uma flor,
Ólha, é o coração mudado nella.

E aspira, pois, o aroma delicado
Que o vento espalhe em ondas pelo ar;
Mas não a córtes, deixa vegetar
O pobre coração abandonado.

Ou, a cortá-la, ó pomba, não a pises,
Não esmagues a flor... põe-na em teu seio,
Que ás vezes póde ser ganhar raizes,
E de novo nascer o extincto anseio.

Urna maravilhosa e peregrina,
Onde iam acabar os sonhos meus!
Se só esta lembrança me fulmina,
O que faria a realidade?... Adeus!

Beira Alta, 1878.

O RAMO DE ALECRIM

Foi como um sonho que do ceu me veio
O verde ramo de alecrim-do-Norte
Que m'off'receste, ha dias, no passeio,
E sempre guardarei até á morte.

Altas horas da noite, quando tudo,
Em volta a mim, paz e silencio fôr,
E eu entre os livros, no prazer do estudo,
Mal tenha tempo de pensar no amor,

Hei-de vê-lo florir, brilhar, sorrir-me
Sobre a caveira que estiver na mesa,
E onde eu contemple, sossegado e firme,
Em toda a realidade a Natureza...

E o seu aroma grato e doce e leve,
Como a idéa de um bem sempre presente,
Ha-de inundar a minha casa em breve,
E eu envolver-me nelle inteiramente.

Ah! como aquellas noites perfumadas
Me lembrarão a mim, quando eu fôr velho,
E já andar co'as faces enrugadas,
E um grave rheumatismo no joelho!

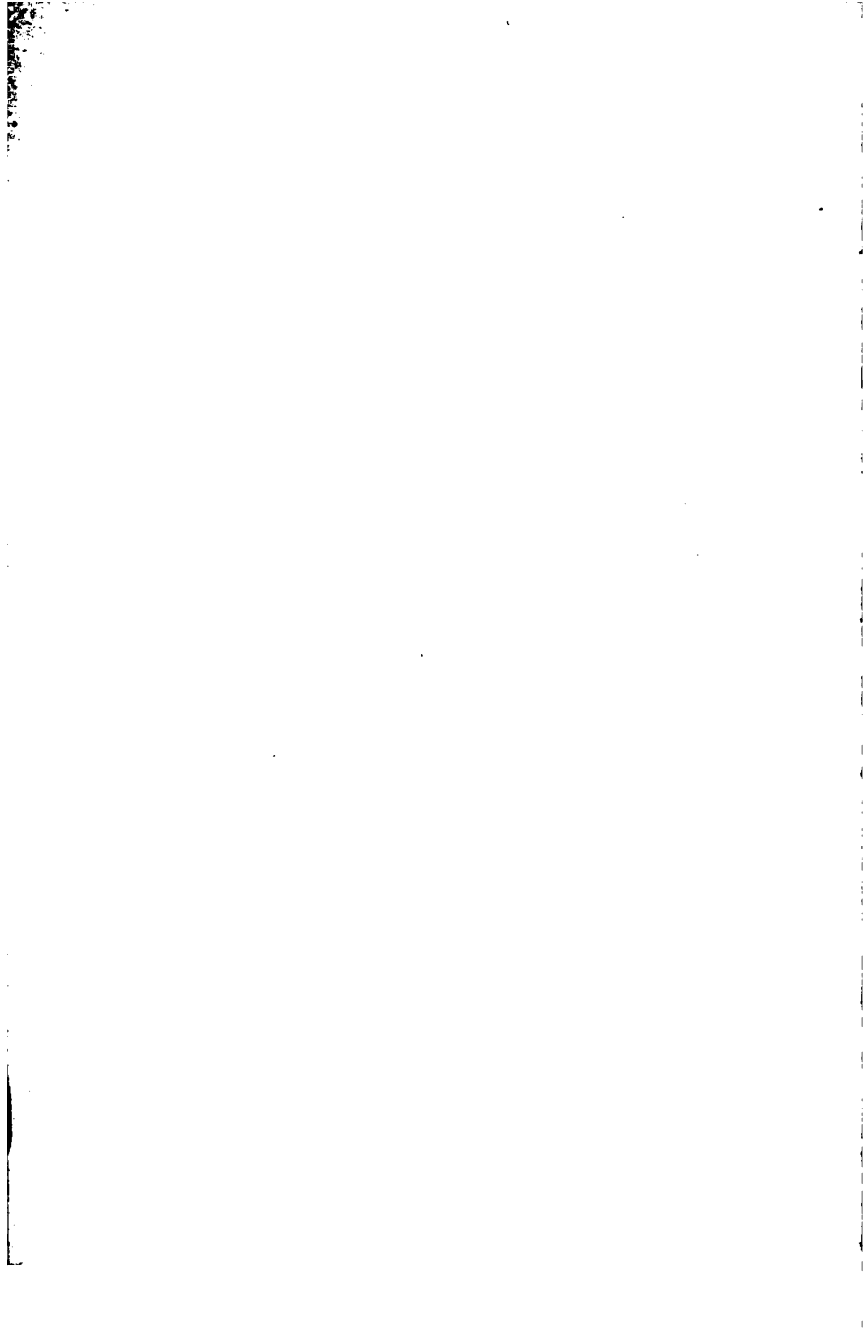
E quanto chorarei, em mágoa absorto,
A alegria innocente do passado,
Como a mãe que pranteia um filho morto,
Quando lh'o trazem no caixão deitado!

Depois, o ramo de alecrim-do-Norte,
Que tu me déste, Helena, junto ao Douro,
E que eu conservarei até á morte,
Como a prenda melhor, como um thesouro,

Ao mostrar-se-me assim, todo florído,
Qual ceu, cheio de estrellas scintillantes,
Onde pouse e se fixe o meu sentido,
E vão morrer meus ais febricitantes,

Ficará como espelho em que eu te veja
Vestida do clarão da madrugada,
Ou como altar de resplendente igreja,
Em que fulja a tua alma immaculada.

E esquecerei até, deixando tudo,
As páginas mais bellas da lição,
Para ajoelhar, embevecido e mudo,
Ao pé d'elle, em profunda adoração!

1882.

ARCHEOLOGIA ARTISTICA

Num alto monte, onde primeiro a aurora
Resplandece, e nos antros ruge o vento,
Longe, na Persia, levantou-se outr'ora
Um grande monumento

Coberto de legendas laudatorias
Em lingoas que morreram sem deixar
Da existencia fugaz outras memorias,
Ou outras provas dar.

Succederam-se os seculos. O olvido
Cahiu, pausado, sobre a pedra dura,
Onde alguem, pela glória seduzido,
Delineára a escriptura.

E o escravo, que soturno e macilento
Ia sentar-se em cima a olhar p'ra o ceu,
Já nem sabia em fim se o monumento
Era campa ou tropheu!

Oh! progresso inaudito da sciencia!
Vem o genio, e os enigmas interpreta...
Nunca se turva a luz da intelligencia,
E segue em linha recta!

Eis ahi mais um mundo: outro horizonte
A' velha historia da Asia então se abrio:
Transfigurada paira pelo monte
A alma de Darío.

*

Agora, diz'-me cá, ó minha amada:
Quando os sabios acharam tanta cousa
Na superficie informe e desbotada
De uma esquecida lousa,

Que não acháras tu, se por ventura
Um dia soletrasses a inscripção
Que o Amor, numa lingoagem nada obscura,
Pôs no meu coração?

1883.

O TEU RETRATO

Tanto o contemplo ás vezes, que até creio
Que elle se enche de vida e de calor:
E, numa forte commoção de amor,
Beijo-o convulsamente, e aperto-o ao seio.

O ceu estende sobre nós um manto
Polvilhado de perolas de luz;
Cantam as aves com supremo encanto,
O vento ao longe hymnos de amor traduz.

E eu não me canso ou farto de admirar,
Numa hallucinação e ansia insoffrida,
que ha-de ser a glória do meu lar,
já é hoje o ideal da minha vida.

O teu retrato! nunca mais esqueço
Esse momento de prazer real
Em que rubra do pejo virginal
Me déste um brinde de tamanho preço.

Elle é quem nesta senda de amargura,
Que só espinhos e pendores tem,
O descanso da vida me assegura,
Me defende do mal, e excita ao bem.

Como a flor no seu calyx de cetim
Colhe avarenta as lagrimas que a aurora,
Cheia de mimo, pudibunda chora
Nos viçosos relvedos do jardim:

Guardarei dentro d'alma, lá no fundo,
Onde não chegue olhar perscrutador,
Nem deite maldições a voz do mundo,
Aquelle santo talismân de amor.

1886.

O TEU PIANO

Não sei que encantos tem essa harmonia
Com que traduzes no piano ás vezes
Do coração as glórias e os reveses,
Da luta das paixões toda a poesia,

Que, quando te ouço, sempre nesse instante
Se perturba a minh'alma; e o pensamento,
Num vago mysticismo, e esquecimento
Das cousas d'este mundo, voa errante,

Longe, por outros climas afastados,
r outros ceus, lá onde a toda a hora
lge na sua pompa a luz da aurora,
ıs aves soltam languidos trinados;

Lá onde não ha prantos, nem tristeza,
Nem a dor colhe os homens num abraço;
Lá onde tem mais brilho o azul do espaço,
E é outro o sol, e é outra a Natureza...

Gozar! Gozar! — Eis todo o ideal humano.
Eu logo o attingiria sem canseira,
Se pudesse passar a vida inteira
Entre as ondas dos sons do teu piano.

Porto, 1887.

MARGARIDA

Os olhos da Margarida
Não sei que philtros que tem,
Que por elles perco a vida,
E a minha alma tambem.

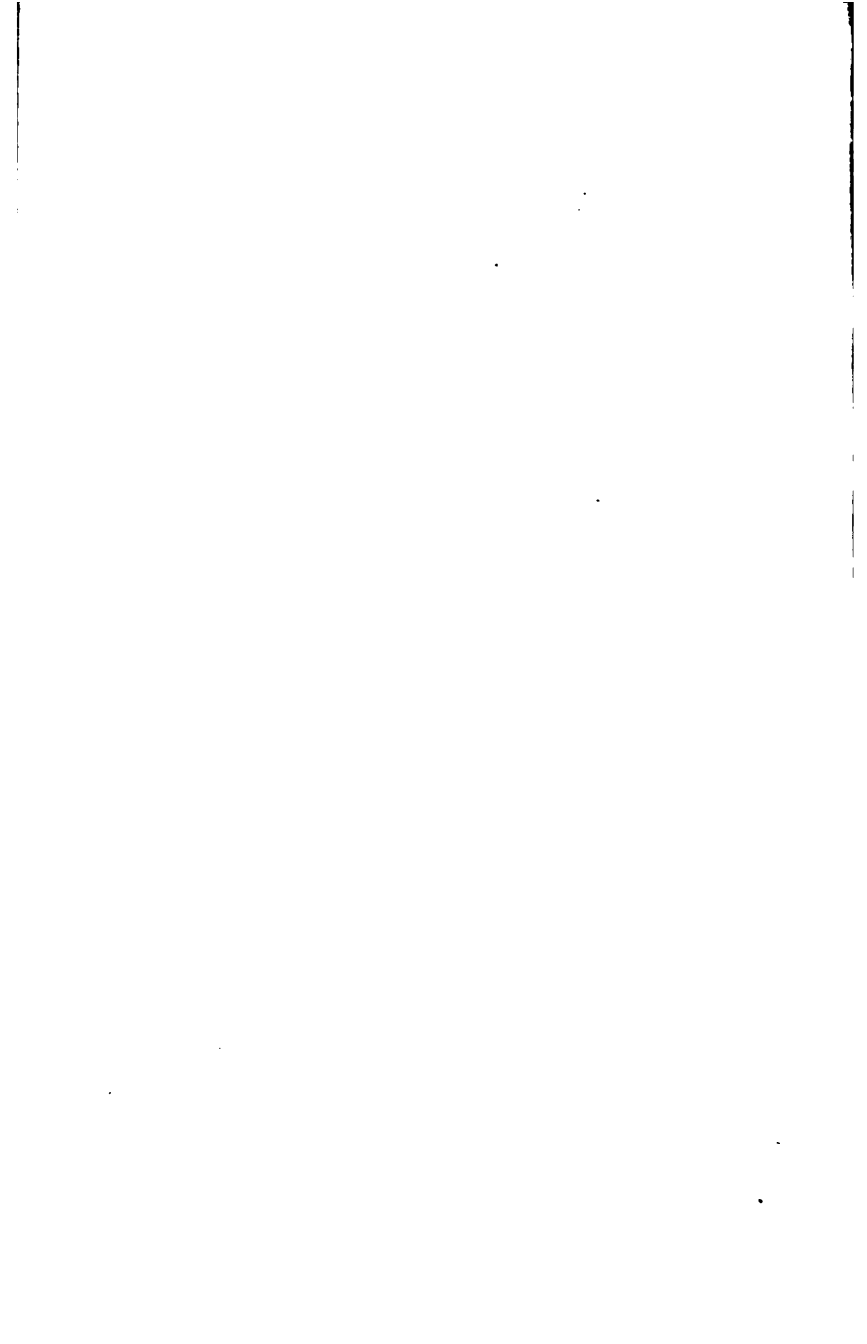
Quando sombrio e calado
Á noite passo por ella,
Vejo tudo illuminado,
Só porque a vejo á janella.

E se os cabellos destrança
Pelos hombros, que thesoiro!
Então cada fio de oiro
Parece um raio de esp'rança.

Toda a gente lhe dizia,
Ao vêr tão linda aldeã:
— Vem a despontar o dia!
— Vem a romper a manhã!

Ella, dansando inquieta,
A virgem que eu tanto amo,
Era como a borboleta
Que voa de ramo em ramo.

Quero-te muito, meu bem;
Nem me custa, Margarida,
Perder eu por ti a vida
E a minha alma tambem...

Lisboa, 1888.

EM VÃO

Não me falles de amor. Meu coração de gêlo
É esteril talvez de mais p'ra concebê-lo.

Em vão por isso vens bater á minha porta:
Ha luto cá por dentro, e a esp'rança está já morta.

Como brusco tufão que tudo arrebatou,
Assim pela minh'alma um dia a dor passou,

E fez-me logo alli tão frio de repente,
Que nem me anima o sol co'a sua chamma ardente.

Pòis que te prende a vida, e procuras afago
Num sorriso que farte o teu desejo vago,

Foge de mim, que até podem gelar tambem
As torrentes de amor que o teu peito contém!

1889.

FOLHAS SÊCCAS DO BUÇACO

I

NA FONTE-FRIA

Que bom sería amar, e ser amado,
Ao pé da *Fonte-Fria*,
Adormecer ao rhythmo sossegado
Da ágoa que cahia!

Em sonhos vêr um anjo de asas de oiro
Apertar-nos ao seio,
—Olhos de viva luz, cabello loiro—,
Sorrir-nos, sem receio

De que alguem perturbasse essa ventura
Tão rara sobre a terra!
Ouvir, dos arvoredos na espessura,
Nos valles e na serra,

A voz das aves que em seu vôo aereo
Não sabem o que é mágoa...
Bem haja quem aos bosques deu mysterio,
Quem ás fontes deu ágoa!

II

PAZ ROMANTICA

Até quando no mundo irei errante
Atrás do meu destino,
Apalpando nas sombras vacillante,
Como um ebrio sem tino,

A visão vaporosa que se esconde
No vago eternamente?
Eu não sei quem me chama, nem sei d'onde
O sol me luz ridente.

Que silencio que envolve este ermo santo,
Esta verde clausura!
Aqui se cala a dor, se enxuga o pranto,
E só reina a ventura.

Oh! não te occultes mais nas densas trevas,
Mostra-te, luz da aurora!
Quando, num sonho assim, tanto me enlevas,
Ao vêr-te, o que não fôra!

III

IN DESERTO CLAMAVI...

Como quem sonda um mar desconhecido,
Buscando occultas plagas,
Estupefacto, numa nau perdido,
Sempre á mercê das vagas,

Assim vou eu tambem... Abre os teus olhos,
Alumia o deserto!
Estou cansado de pisar abrolhos,
— Talvez do Ceu bem perto!

Buçaco, 1890.

PÁGINAS ÍNTIMAS

(2.ª EDIÇÃO)

3

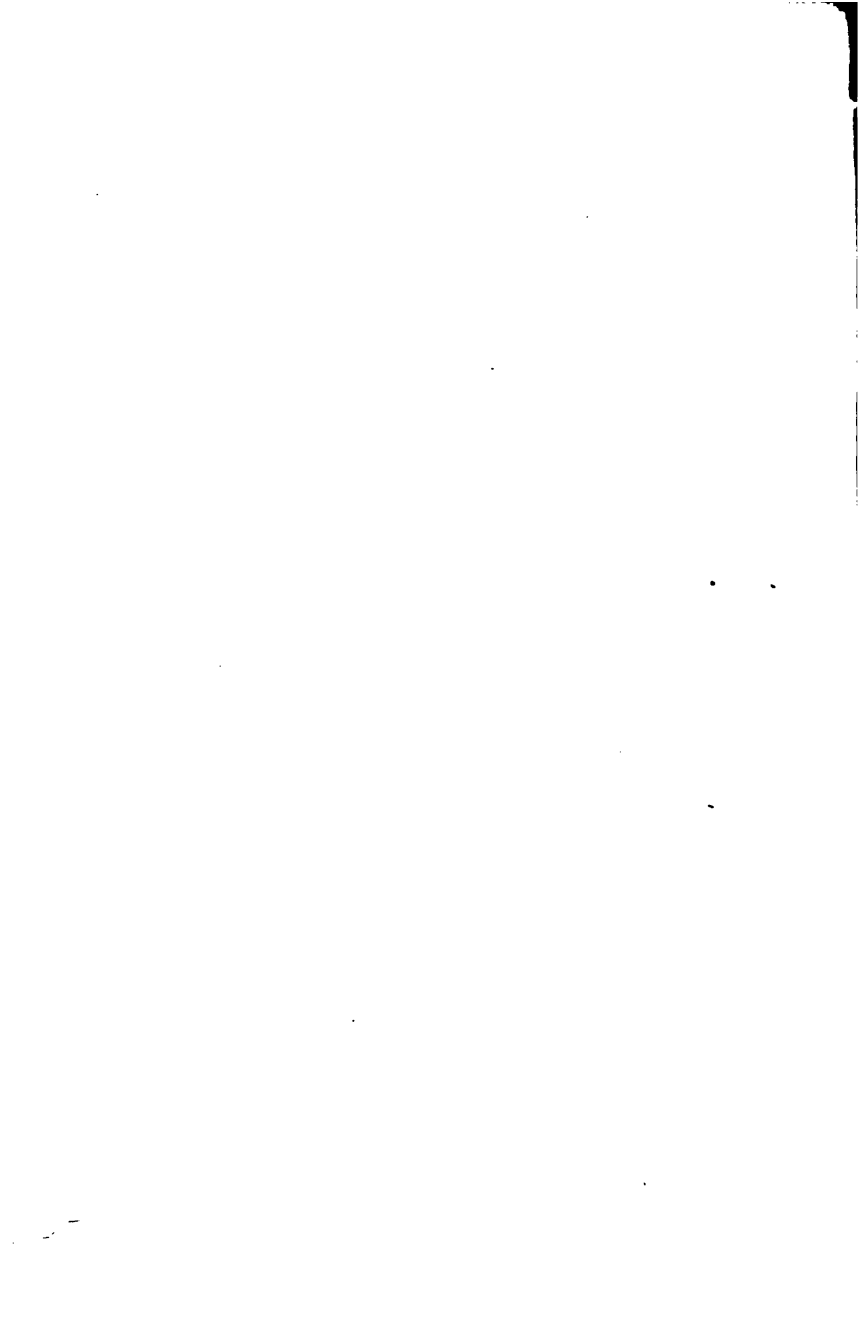
A TI

Quem, senão tu, conhece por completo
O thema d'este drama, a história, o fio?
A ti, pois, o meu livro mais dilecto,
Onde em canções o coração te envio.

A ti, que és a fragrancia que se exhala
Dos thuribulos e aras do Senhor:
Nas alturas do ceu, voz que me falla;
Nas solidões da vida, luz de amor.

A ti, visão da aurora, côr de rosa,
Que me envolves num nimbo de bondade...
Harpa eolia na aragem mysteriosa,
Aspiração da minha mocidade.

1891.

I

PRECE

Toda de branco! Assim é que és formosa,
Assim é que eu te quero, na grandeza
Da graça e da modestia, como a rosa
Que vive e cresce á lei da Natureza.

Quando te virem, Moira vaporòsa,
Com tal galantaria e singeleza,
De certo que ha-de haver muita orgulhosa
Que te cobice a singular belleza.

Embora! segue sempre ao longe a estrada,
Abraça-te ao teu Deus, não oiças nada
Do que os maus te disserem, minha flor!

Só te lembra de um triste que procura,
Ha tempos infinitos, a ventura
De te rojar aos pés o seu amor...

Douro, 1886.

II

O AMOR

« O amor, — o sabio diz, sempre enlevado
Nos seus velhos in-folios poeirentos —,
« Accende os astros, acceléra os ventos,
« E veste de matiz o monte e o prado. »

« Illusão! — volve o theologo, inspirado
Por duros, e inhumanos sentimentos —.
« Jamais lhe ouvi soltar senão lamentos...
« Pobre amor, nas voragens do peccado! »

Deixemos ao philosopho o seu norte,
E debruçado nos degraus da igreja
Leia o padre o Evangelho até o fim...

Quer lhe chamem a vida, quer a morte,
O amor, eu só conheço o que elle seja,
Nas horas de-te ver ao pé de mim.

Douro, 1886.

III

NA DESPEDIDA

Dia, todo de lagrimas, o dia
Em que ao deixá-la (e com que dor ardente!)
Lhe disse em fim — *adeus!* e de repente
O ceu se encheu de nevoa densa e fria.

Oh! como do alto monte em que se erguia
Sobre rochedos, firme, omnipotente,
Abateu em ruinas cruamente,
O castello ideal da phantasia!

Feliz quem no seu lar fica tranquilla,
E póde a cada instante reclinar-se
Nos braços da ventura, luz risonha...

Sem nunca ver a noite a persegui-la,
Nem no valle dos mortos levantar-se
O cadaver do amor, quando ella sonha!

Porto, 1886.

IV

LYRA QUEBRADA

Quebrou-se a minha Lyra, ei-la em pedaços!
Já não tem esses sons que tinha d'antes,
Quando eu via o futuro nos teus braços,
E o sol era p'ra mim... oiro e diamantes.

A quadra ideal das illusões brilhantes
Desfez-se, como nuvem nos espaços...
Não poderdes voltar, tempos distantes,
Ou encher-vos de luz, ó sonhos baços!

Lá jaz em fim, humilde na desgraça,
No seu manto de dor e luto envolta,
Junto a um sepulcro, esteril, muda Lyra;

Só um vago rumor nella perpassa:
— Threnos, que inda a saudade por ti sólta...
— Vãos lamentos de quem por ti suspira...

Cadaval, 1887.

V

NO EXILIO

Agora é que era o tempo dos amores,
Dos passeios nos campos, ao luar,
Quando os melros noivavam entre as flores,
E vinham fóra p'ra nos ver passar.

Já não volta esse tempo! Que incerteza
A vida toda! Que porvir tão triste!
Parece-me um sepulcro a Natureza,
Onde só tedio e horror e sombra existe!

Foste o enlêvo dos meus antigos sonhos,
A luz, o ideal, o bem, a primavera...
Quem apagou o sol dos ceus risonhos?
Quem mudou as espr'anças em chimera?

E assim me vae correndo a mocidade,
Erma de amor, soturna, sem carinhos!
Os astros tem por si a immensidade,
Dormem em paz as aves nos seus ninhos...

Mas eu não tenho quem me diga um dia,
Dissipando o pallor da minha fronte:
« Dá agora descanso á phantasia,
« Illuminou-se em fim todo o horizonte! »

Não tenho, pois aquella a quem na vida
Mais do que tudo amei, por quem, chorando
Num tormento feroz e ansia insoffrida,
Ao vento andei meus hymnos espalhando;

Aquella que eu nas horas de amargura,
Ou do prazer mais íntimo, invocava,
E a quem, cheio de fé tão viva e pura,
Consagrei a minh'alma como escrava:

Não sei o que a levou (que fado ou sorte!),
Imperturbável, a descrer do amor,
E, como a estátua gelida da morte,
Só ter sorrisos de sarcasmo e dor!...

Lisboa, 1888.

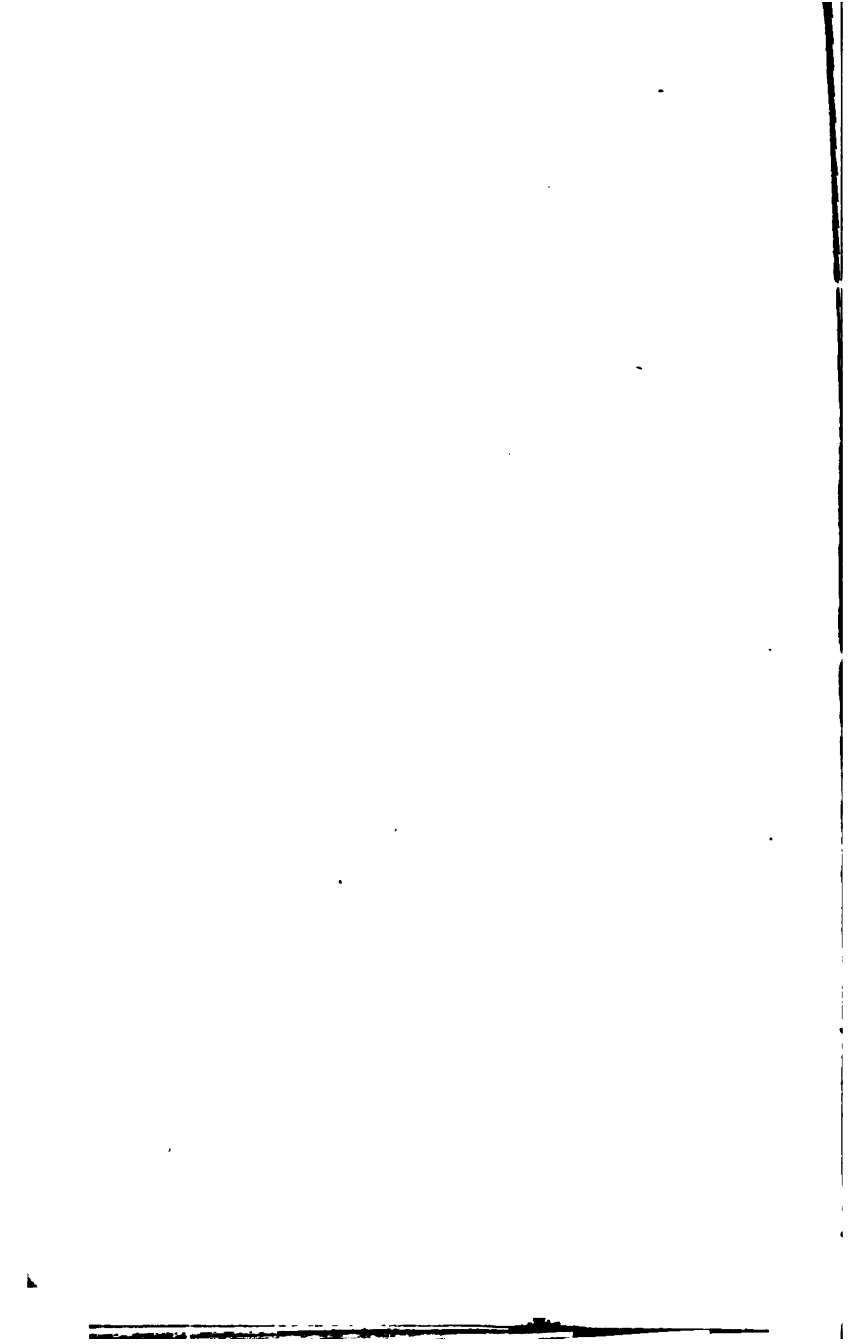
VI

RENASCIMENTO

Na noite de tristeza em que eu vivia,
Como um selvagem numa cova escura,
Despertaste-me tu da sepultura,
E em cheio recebi na fronte a luz do dia.

Que sonhos claros, que miragem bella,
Quando nos guia pela estrada o amor!
Ha reflexos de paz em cada flor,
Sorri uma esperança ao longe em cada estrella.

Abençoado esse instante em que me déste
Sossêgo e allívio ao coração doente,
E, como um psalmo, ouvi alegremente
Ecoar dentro de mim a tua voz celeste!

Lisboa, 1888.

VII

BUSCANDO-TE

Vou-te lançando, cá de longe, os braços,
Numa attração irresistivel, pura,
Ao tempo que a minh'alma nos espaços
Adeja, e a paz de Deus em ti procura.

Poisque está perto o dia da ventura,
Sinto mais firmes, cada vez, os laços
Que a ti me prendem, doce criatura,
Voz dos meus ais e guia dos meus passos.

Que futuro! que aurora de esperançá!
Um berço, e nelle ri uma criança,
Como um raio do sol ao despontar...

E emquanto á banca ás horas mortas leio,
Tu sonhas reclinada no meu seio,
Cobrindo com as asas o meu lar.

No comboio do Norte, 1888.

VIII

DE VOLTA

Eis-me outra vez na paz dos arvoredos,
No seio das campinas verdejantes,
Onde vivem as aves em descantes,
Onde o Doiro murmúra mil segredos.

Tudo na mesma! Os montes, os rochedos,
Ainda ao tempo antigo semelhantes...
O mesmo sol que me sorria d'antes,
Os mesmos rouxinoes cantando ledos.

O que é que exprime a Natureza em festa?
Que movimento, que alegria é esta?
Sinto bater, pular o coração!

No ceu ha sempre luz, no bosque flores,
Se ao pé de nós estão nossos amores...
E tu bem sabes se te quero ou não.

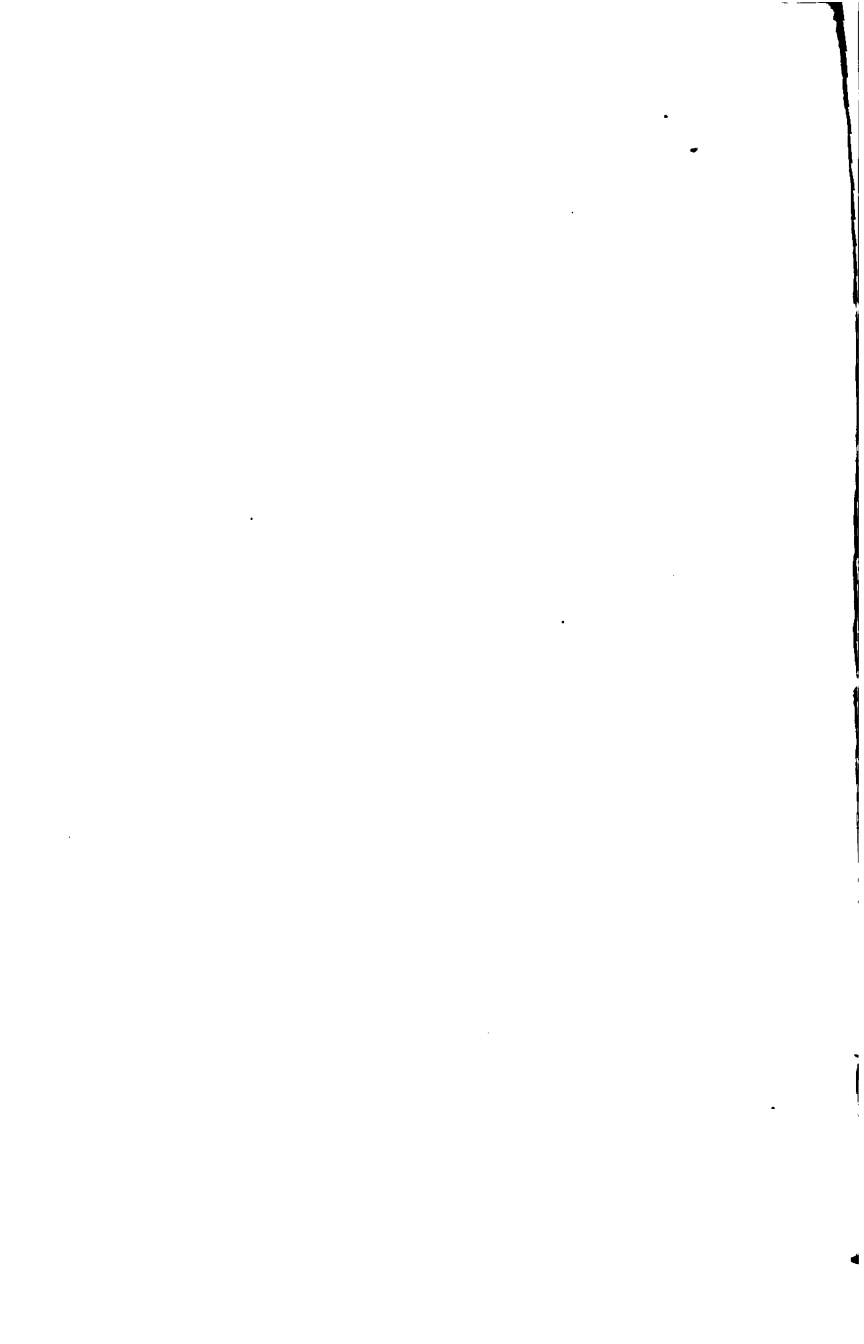
Doiro, 1889.

IX

EPILOGO

O amor, após esta peleja toda,
Conduziu-nos ao templo da poesia,
Onde não pairam sombras, nem á roda,
Centinella da morte, a dor vigia.

Como nuvens que absorvem no seu seio
Os primeiros clarões do sol nascente,
Agora as nossas almas, — doce enleio!
Num extasis voarão eternamente.

Lisboa, 1891.

VANA SPES

I

ASPIRAÇÃO

Como através de uma floresta densa,
Numa noite de nevoa e tempestade,
Quando nos ares paira a dor, suspensa,
E só desponta ao longe a claridade

De uma timida estrella bruxuleante...
Na sombra o caminheiro vae perdido
A seguir essa luz vaga e distante,
Seu pharol, seu confôrto, seu sentido:

Assim, neste deserto da existencia,
Em que não oiço um ái consolador,
Nem ao menos derrama a sua essencia
O lirio branco, trivial, do amor,

Eu ando ás cegas, louco, transviado,
Á procura do ideal mysterioso
Com que até hoje em vão tenho sonhado,
No meu porvir escuro e duvidoso...

Talvez o ceu tu sejas da poesia,
Onde a minh'alma viva sempre em festa;
Talvez sejas a estrella que alumia,
De longe, o caminheiro na floresta!

1890.

II

BUCOLICA

A vida é como o oceano, sempre cheia
De tempestade e de rumor sem fim:
E entre as ondas que vão bater na areia
Tu és qual onda que me leva a mim.

Mas leva-me a um país desconhecido,
A uma plaga remota, sem ninguem,
Onde nunca se ouvisse um cru gemido,
Ou palpitasse um coração tambem...

Leva-me para um val profundo e bello,
Mansão alegre, de silencio e paz,
Entre rochas erguidas em castello,
Onde sómente a aguia o ninho faz...

Ahi verei na lympha sussurrante,
Que em meandros se alastra pelo chão,
Retratar-se o teu rosto e o diamante
D'esses teus olhos, que tão vivos são!

E quando um vento manso, ao fim do dia,
Agitar lentamente os cannaviaes,
Escutarei então a symphonia
Da tua voz, e os hymnos dos teus ais!

Uma ventura original, completa,
Um bucolismo siciliano, um ceu,
Como nunca o sonhou algum poeta,
Ou algum paisagista o concebeu...

E emquanto a Natureza voluptuosa
Faz ondular a luz, sorrir a flor,
Só hão-de ouvir-se na campina umbrosa,
Ao longe, os ecos de canções de amor!

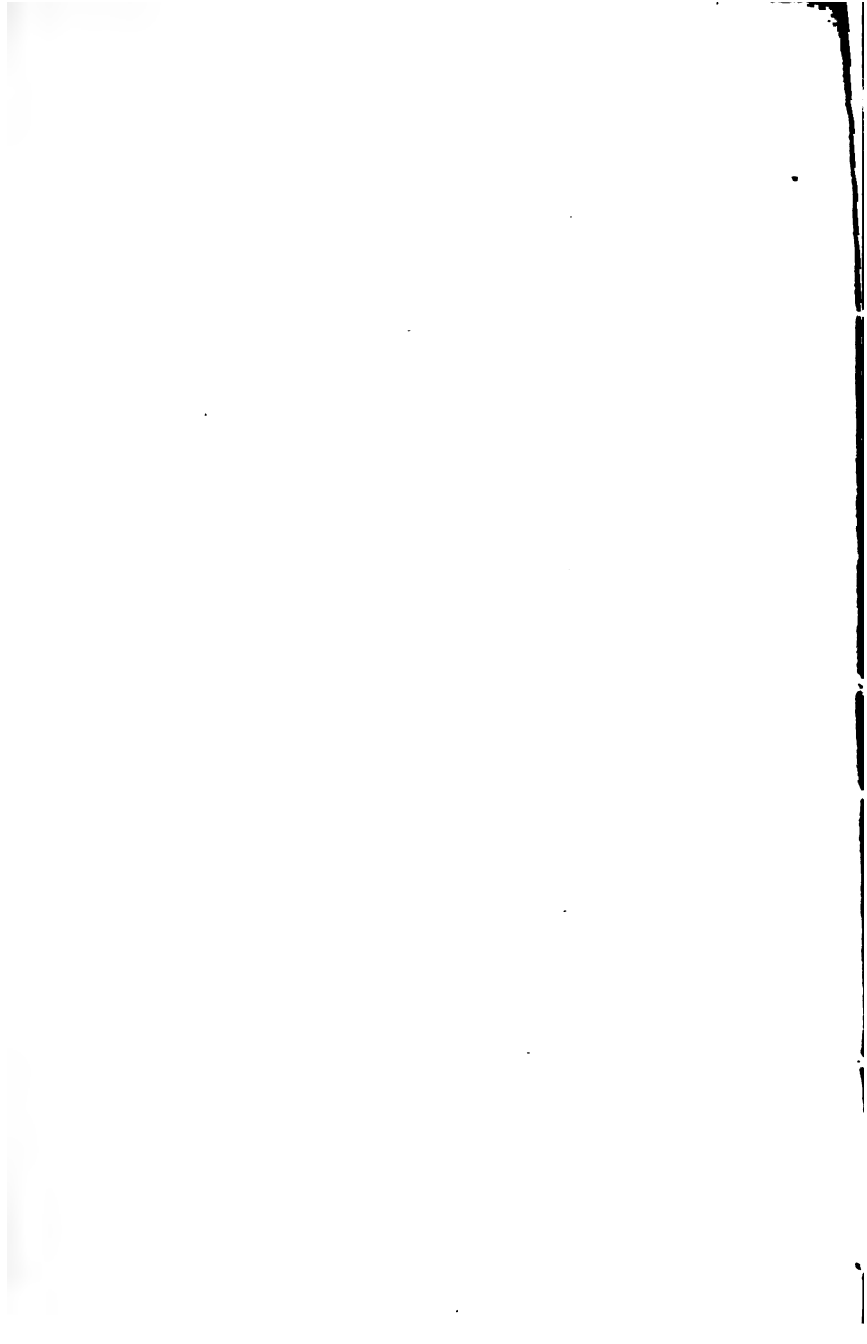
1890.

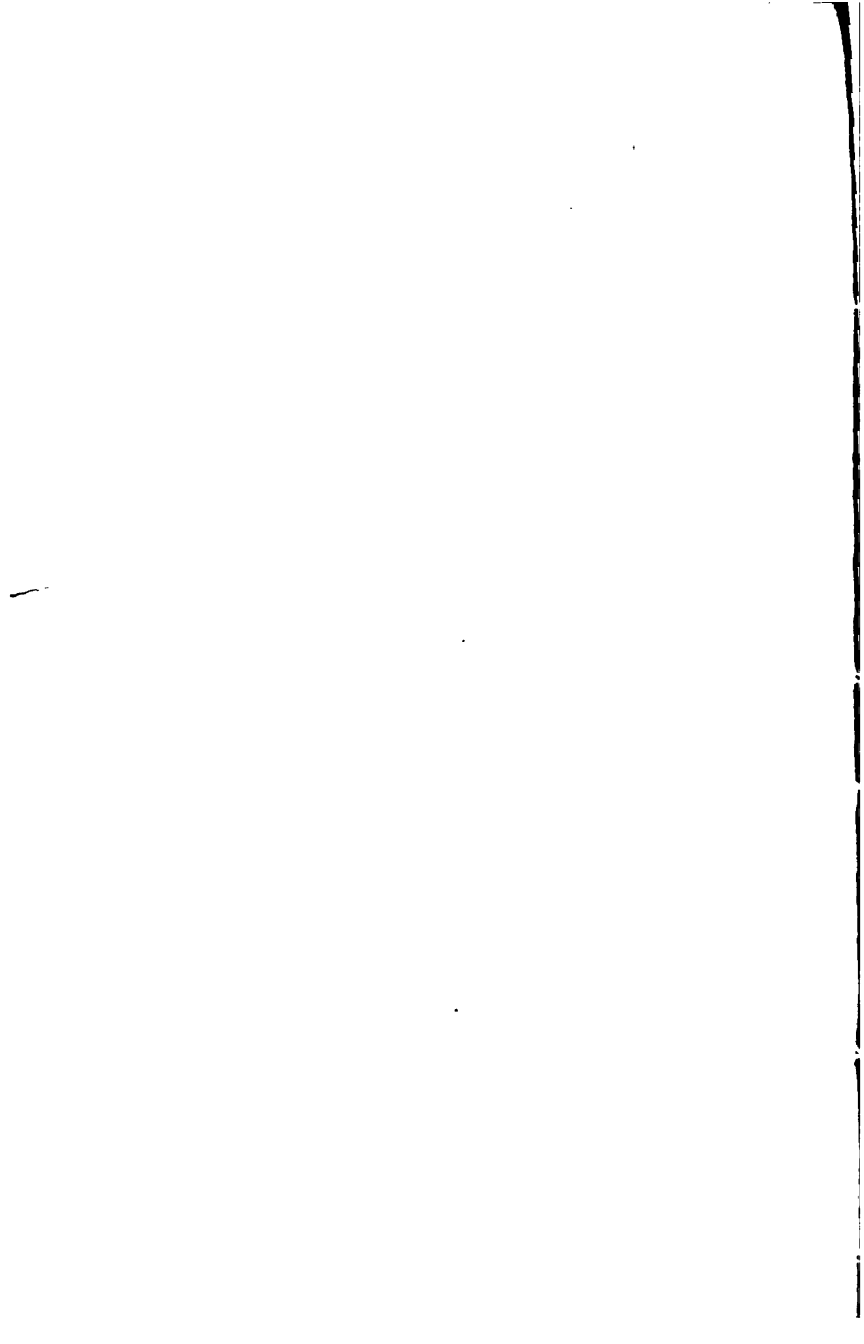
III

ORANDO

(NUM LIVRO DE MISSA)

Á luz nascente do dia,
Para os ceus
Voa o perfume da flor:
Assim suba aos pés de Deus
A harmonia
Da tua prece de amor!

1890.

ANNO NOVO

(2.ª EDIÇÃO)

ANNO NOVO

Saudemos os amigos
No dia de anno-novo!
São costumes antigos
D'este nosso bom povo,
Que, prêso ao seu torrão,
Quer ir co'a tradição.

Janeiras não t'as peço
Pelo trabalho meu,
Pois nunca teve preço
O que o coração deu...
Venho-te só saudar,
Venho-te desejar

Que o anno novo te seja
Propicio, glorioso;
Que a tua alma se veja
Sempre num mar de gôzo;
E sobre ti os ceus
Brilhem amplos, sem veus.

Deus beijou-te, sorrindo,
Na hora em que nasceste:
Deu-te á voz mimo infindo,
Aos olhos luz celeste;
E as aves, quando passas,
Cantam as tuas graças.

És digna da ventura
Que de longe te chama,
Engrinaldada e pura:
Vive, pois, folga e ama!
Que a vida sem amores
É um jardim sem flores...

1—I—93.

TRANSFIGURAÇÃO

I

Porque eu te disse, uma vez,
Que não tinhas coração,
Tremeste logo — talvez
De pasmo ou de indignação!

Mas o certo é que còraste,
Como a rosa, quando o vento,
Ao passar, a beija na haste...
Como á tarde o firmamento,

Ao pôr do sol, enrubece,
E côr de sangue se tinge...
Se não é amor, parece...
E o amor leal não se finge!

II

Amor! pois eu, pobre e triste,
Serei tão feliz assim,
Que deva pensar que existe
Alguem que o sinta por mim?

Pois eu posso imaginar
Que ás sombras em que eu habíto,
Desça um clarão de luar,
Um raio do sol bemdito?

Se tu quisesses, serías
Da minha vida a alvorada,
Enchendo de paz meus dias,
De fulgor a minha estrada.

III

Ha tanto tempo, é verdade,
Trago ésta paixão ardente,
Como um verme sem piedade,
Que me corroi lentamente,

E me segue em toda a parte:
Tamanha dôr, nunca vi...
E nunca ousei declarar-te
Mágoas que passo por ti!

Temo que tu te agastasses
Commigo, nesse momento,
E por gracejo tomasses
O que é tão duro tormento.

Embora! chóro a desgraça,
Sòzinho no meu deserto:
Fallo ao vento, e elle me abraça...
Ólho o ceu, e encontro-o aberto...

IV

Mas uma vez o eu dizer-te
Que não tinhas coração,
Não foi cousa de offender-te,
De te molestar... Senão

Responde-me: por ventura
Não é elle meu? não ando,
Numa profunda amargura,
Eu toda a vida penando

Com elle dentro de mim?
Como uma vaga do mar,
Numa tormenta sem fim,
Ah! bem o sinto pulsar!

V

Nem sempre na alma o pranto,
Como uma nevoa cerrada!
Quebra um dia o teu encanto,
Ó linda Moira encantada!

Ama! não deixes morrer
Teus sonhos nessa clausura!
Chama-te ao longe o prazer,
Cantam as aves na altura.

Tudo ao amor nos convida:
Fonte que nunca seccou,
O amor é segunda vida:
Mais viveu quem mais amou.

1893.

IN SOLITUDINE

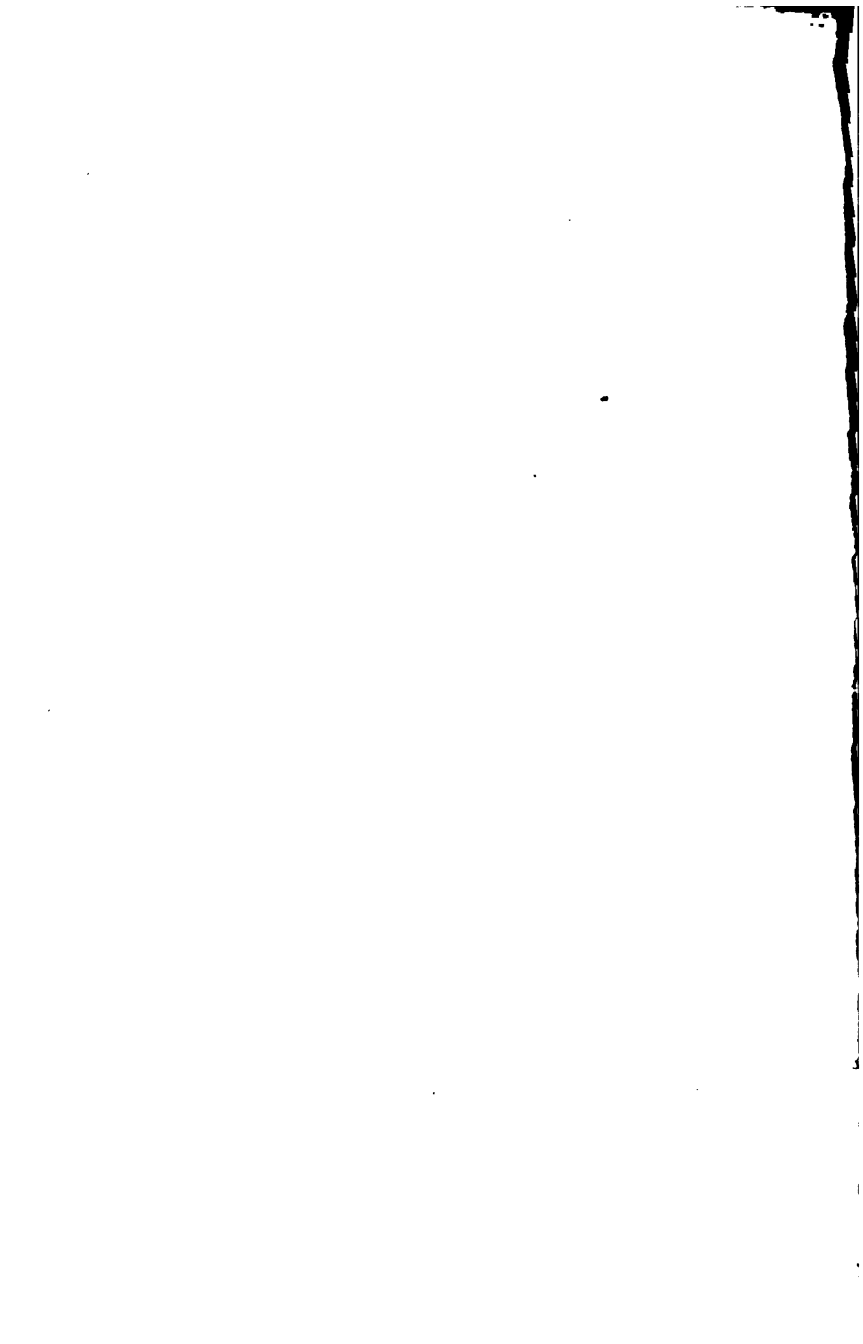
É para além dos montes que ella mora,
Muito longe, nos ermos da saudade,
D'onde vem este sol que me enamora
E me inunda de santa claridade;
D'onde vem, cantando hymnos, este rio
Que bate as pedras espumoso e frio.

Quantas vezes, levado da illusoria
Phantasia, não ando, immerso em dor,
A olhar-te, ó sol, que tens na luz a glória,
A ouvir, ó rio, a tua voz de amor,
Cuidando então, na minha louca prece,
Que ella me falla, ou ella me apparece!

Mysterioso o sol vae seu caminho,
Como um romeiro em longa procissão...
O rio foge rapido, sòzinho...
E eu sem repouso a supplicar em vão,
Porque leio um poema só de mágoas
Na luz dos astros e na voz das ágoas...

1893.

POEMA PERDIDO

(2.ª EDIÇÃO)

POEMA PERDIDO

I

NUM LEQUE

Quem poderá contar
As areias do mar?
Tecer louvor á luz diamantina
Que os olhos te illumina?
Ao porte esbelto, á falla maviosa,
Voz de anjo em corpo feito de uma flor?

Povoem-te a existencia côr de rosa
Aureos sonhos de amor!
Ama! pois, quanto mais amor tiveres,
Tanto maior serás entre as molheres.

II

CORAÇÃO SEM AMOR

Um coração sem amor,
Que triste esterilidade!
Como açucena sem côr,
Como ceu sem claridade...

III

ORAÇÃO

(ENTRE A HOSTIA E O CALIX)

Molher! se um teu olhar bello
Nos não fere o coração,
É o mundo um pesadelo,
É a vida uma illusão.

Mas, se no ceu da existencia
Uma vez elle raiou,
Louvemos a Providencia,
Que tão grande bem criou!

IV

NA MISSA

Absorta a orar, nem me viste
Durante a missa, na igreja!
Pois olha: eu (e ando bem triste)
Não ha onde te não veja.

Vejo-te no pensamento,
Que sem cessar me tortura;
E na nuvem, que na altura
Vae levada pelo vento;

Vejo-te na luz do dia,
Que é para mim luz de amor;
E, em quanto o padre dizia
O seu latim com fervor,

Via-te eu no altar sentada,
Sob um nimbo côr de rosa,
Como a imagem vaporosa
Da Virgem pura e sagrada.

Se lês no meu coração
O grande anseio em que vive,
Já pódes saber se estive
Á missa com devoção...

V

DEPOIS DO BAILE

Quando ontem te vi, vestida
Toda de branco, a dançar,
Cuidei que *estavas pedida*,
E já ias a casar...

A noite toda perdi,
Entre o despeito e o cuidado,
A pensar no teu noivado
E mais no teu noivo... e em ti.

Não acho, por mais que faça,
P'ra tal pena redempção:
Noiva da minha desgraça,
Sombra do meu coração!

VI

NO ÚLTIMO DIA

Só e triste como um monje,
Que vim eu aqui fazer?
Quem me mandou vir tão longe
    Para morrer?

Nesta noite tão comprida
Cuidei que fosses meu norte:
Quando esp'rava achar a vida,
    Achei a morte.

Ondas do mar, enguli-me,
Levae-me no turbilhão:
Nunca pensei que era crime
    Ter coração.

Aves negras, não fujais,
Que não fiz culpa, nem êrro:
Acompanhai-me com ais
No meu entêrro.

Só e triste, como um monje,
De mim que ha-de agora ser?
Vir eu de lá de tão longe
Para morrer!

VII

PASSADOS TEMPOS

Agora me rio do meu coração,
Da sua fraqueza e da sua illusão,

Pois pôde, coitado, um momento suppor
Que tu percebias o poema do amor!

Não eras, de certo, o modêlo acabado
Que eu tinha algum dia na mente criado,

Em horas soturnas, quando o homem sòzinho
Caminha sem ter quem lhe ensine o caminho...

Não eras a espôsa que canta no lar,
E sabe nos braços o filho embalar...

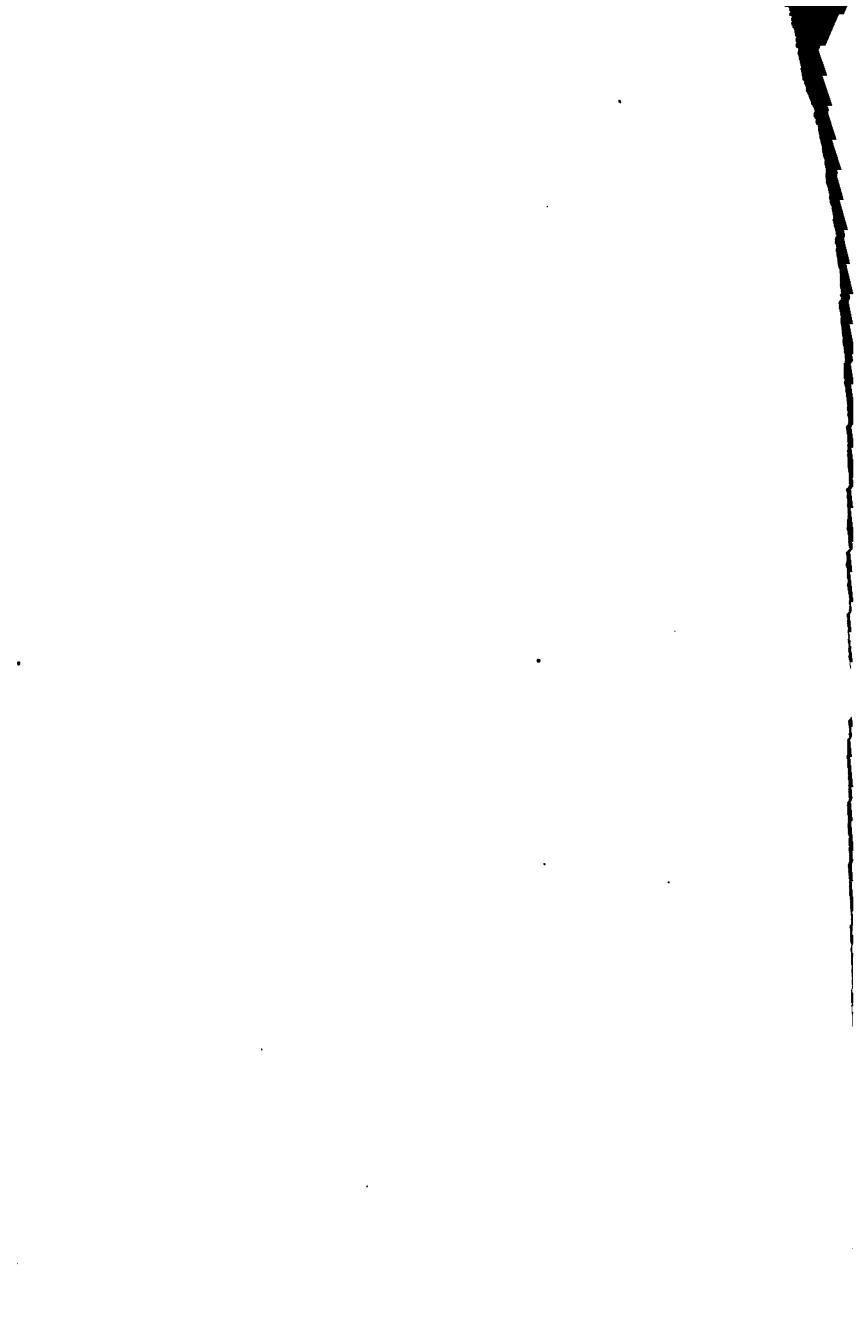
Não eras a estrella que brilha nos ceus,
Sorriso caído dos labios de Deus...

Nas ansias da vida a molher nos alenta:
Confôrto no pranto, pharol na tormenta;

Mas doido o que cérca de incenso e harmonias
Estátuas que estão lá por dentro vazias!

1894.

PRENDA D'ANNOS

(2.ª EDIÇÃO)

PRENDA D'ANNOS

I

Acordei sobresaltado
De manhã, em desatino,
Ouvindo tocar o sino
No alto Palacio Encantado.

E o povo em chusma acudia,
Dançando e espalhando flores...
Na voz, hymnos de louvores;
Nos olhos, ceus de alegria.

Só não ama quem não sente!
Eu perguntei ás donzellas
Que festas eram aquellas?
O povo assim tão contente...

Respondem todas num brado:
« Que festas? Nem se imagina!
« Faz annos uma menina
« Lá no Palacio Encantado ».

II

E a funcção seguia ovante
No seu gyro, sem parar;
Voavam canções pelo ar,
Animava-se o descante.

CÔRO DAS ALDEÃS

« As Fadas, quando nasceste,
« Fadaram-te meiga e bella,
« Para que fosses a estrella
« D'esta aldeia. E isso fizeste:

« Que a qualquer parte aonde vais
« Ao triste enxugas o pranto,
« Ao pobre lanças teu manto,
« E a todos ouves os ais ».

III

Á que tem destino tal
E possue alma tão boa
Trago tambem uma c'roa
No dia do seu natal.

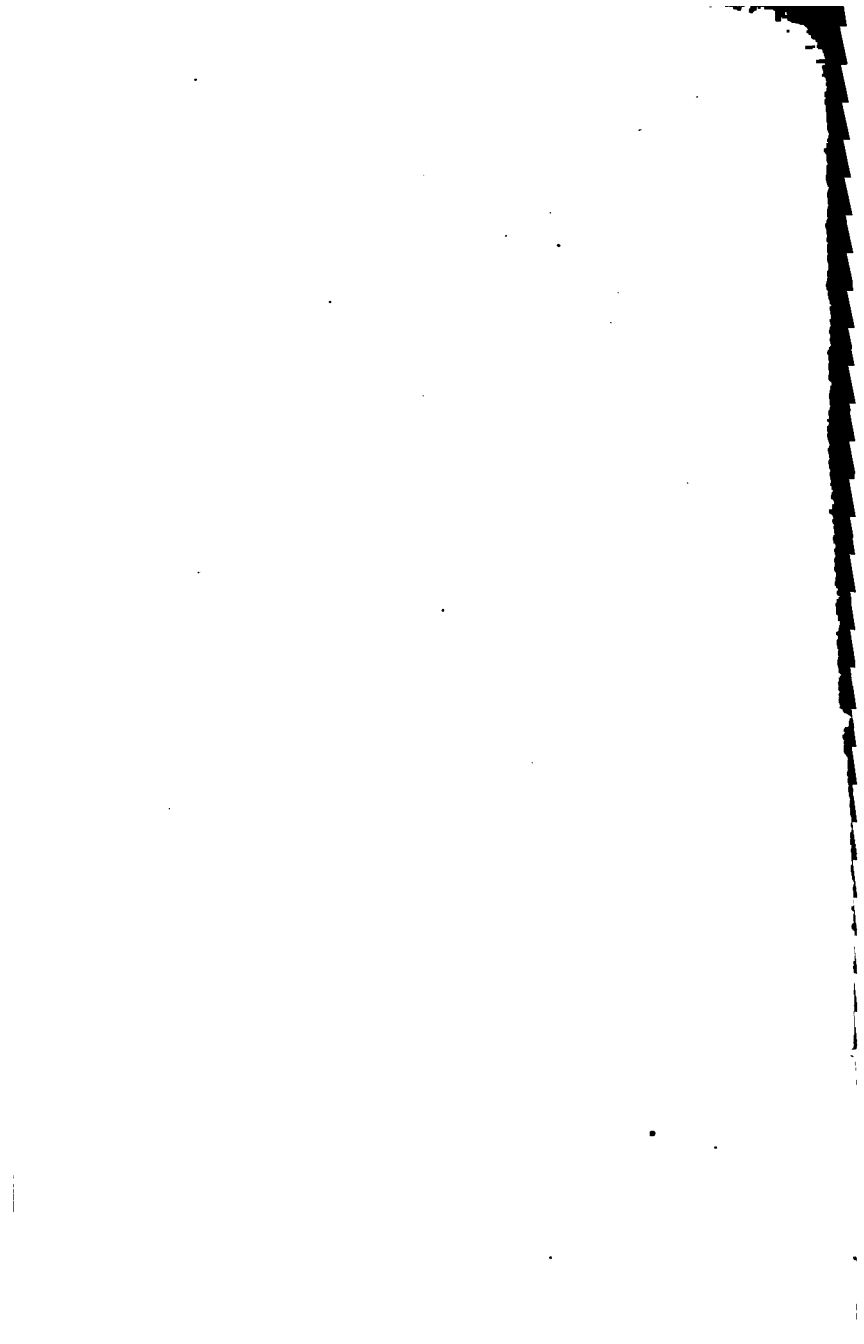
Tantas coisas contam d'ella!
Fadas no berço a embalaram...
Feiticeiras a encantaram...
Trovador's morrem ao vê-la...

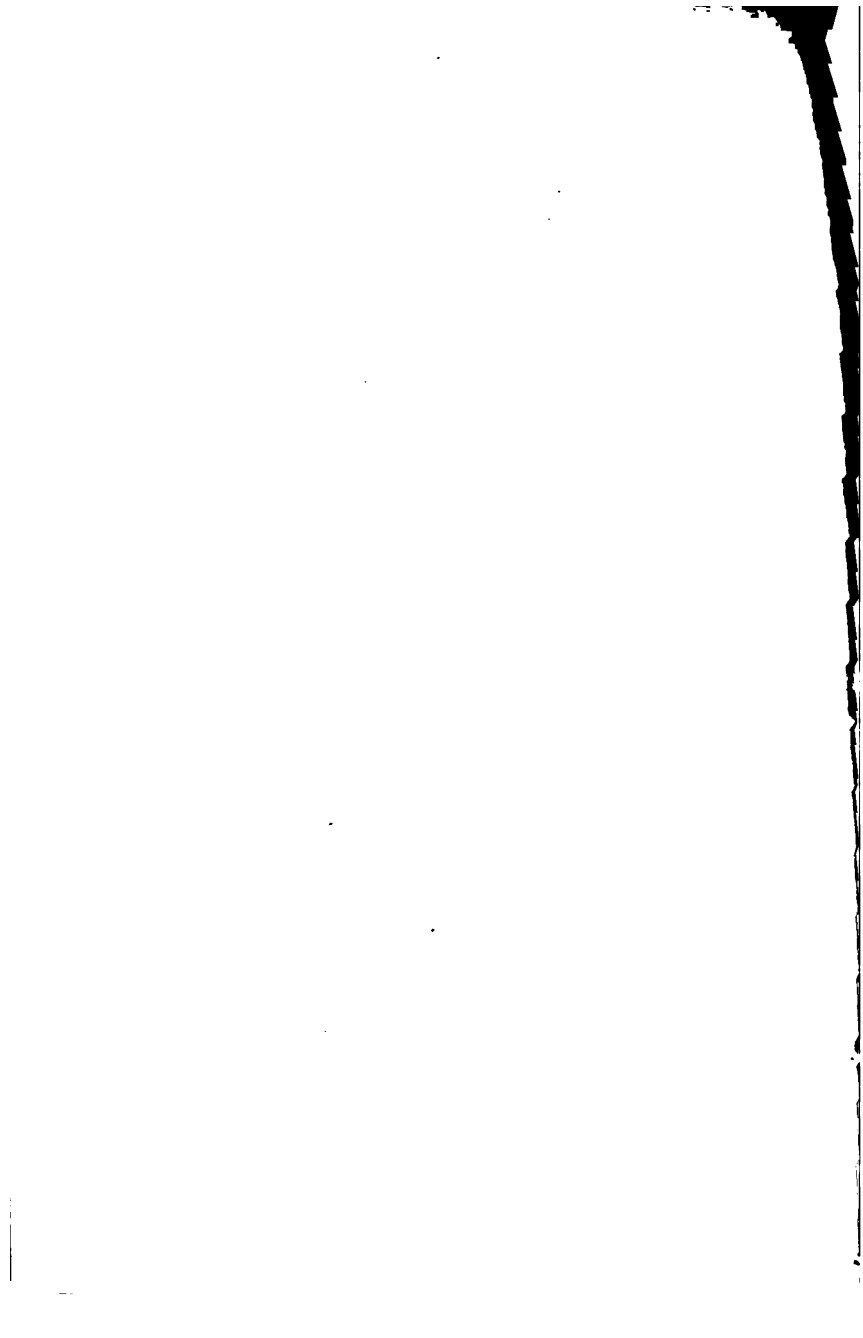
IV

Eu, que ando com devoção
Buscando as lendas dos velhos,
Que são os meus evangelhos,
Por onde faço oração,

Romances de amor sem fim,
Em que apparecem ao luar
Moiras lindas a acenar
Com brancas mãos de marfim,

Não admira que, alumiado
Por inspiração divina,
Venha saudar a «menina»
No seu Palacio Encantado...

27—XII—94.

LYRA D'UM MORTO

(2.ª EDIÇÃO)

PREAMBULO

D'aquelle que passou escondido e ignorado,
Cantando o seu amor a quem não o entendeu,
Numa noite sem fim, num sonho desvairado,
Acaso poderá dizer-se que viveu?

I

NUM LIVRO D'ORAÇÕES

(ONDE HAVIA A IMAGEM DE S. JOSÉ)

O santo do meu nome! Isso bastára
P'ra que este livro fosse prenda rara...
Santo maior não o possue o ceu,
Nem no mundo ha rapaz melhor do que eu...

Pois que na terra não achei jamais
Quem se lembre de mim, e ouça os meus ais,
Ou um pouco de amor me dê de esmola...
Ao menos uma ideia me consola:
Que tu, que tens na voz tanta candura,
E és feita de bondade, ó virgem pura,

Sempre que estejas neste livro a orar,
Queiras, não queiras, has-de em mim fallar.

II

VOCAÇÃO PARA FREIRA

Se vae para freira, não ha-de ir em vão:
Terá uma cella nalgum coração,
P'ra alli em sossêgo ficar escondida,
Pensando no Ceu, e no amor, e na vida...
Que freira tão santa! A sorrir quem se atreve
Do véu que lhe cae sobre o rosto de neve!
Da cruz do seu peito! e daquella doçura
Que mostra ao atar o cordão na cintura!
Do ardor com que ajoelha ante o Christo chagado,
Pedindo venturas p'ra o seu namorado!...
Á tarde, á janella, virão entre as flores
As aves ouvir-lhe segredos e amores,
E os ais que ella der, a rezar no convento,
Farão melodia na bôca do vento.

Mettidas no meio das grades de ferro,
Em negra clausura, sem culpa nem êrro,
Escravas da Fé, como pobres ovelhas,
Tão môças, e já de corcovas e engelhas . . .
Coitadas das freiras! Meu Deus, quem não chora,
Ao vê-las assim a penar cada hora?

No emtanto, se, em vez da molesta prisão,
A cella fôr dentro de algum coração,
A Regra não custa... e de toda a maneira,
Talvez que nenhuma recuse ser freira...

III

NÃO ME ESCREVAS!

Diz que me vae escrever
Uma extensa ladainha,
Só para me responder
Que nunca tem de ser minha!

Como ao pé da forca o reu,
Na sua desgraça immensa,
Treme, ao lerem-lhe a sentença,
Tambem minh'alma tremeu.

Nunca pensei que haveria
Quem fizesse tanto damno:
Ais de molher: ironia!
Esp'ranças de amor: engano!

Anda dois dias a gente
Por esse mundo,—p'ra quê?
Se dorme, o sonho lhe mente...
Se abre os olhos, nada vê...

Desventurado fui eu,
Cabeça vã como o fumo:
Pois não! lá mudava o rumo
A estrella que vae no ceu!

A bem louco desafio
Chamei a sorte: cuidar
Que assim se quedava um rio
Que caminha para o mar!

*

Oh! não me escrevas! tem mão!
Como a espuma á tôna d'agoa,
Se me desfazem de mágoa
As fibras do coração.

IV

A LANTERNA DE ESOPO

—Aesope, medio sole quid cum lumine?
—Hominem quaero.

PHAEDR., III, 19.

Uma vez, ao meio-dia,
Por Athenas fóra ia
C'uma lanterna na mão
Esopo. Quem o assim visse
Diria logo: « Doidice
De velho... Hallucinação! »

Fazia um sol tão brilhante...
O ceu vivo, de diamante,

Tinha uma chamma tão pura,
De uma alegria tão terna,
Que accender uma lanterna,
Sim, parecêra loucura.

Mas, se o sabio desentranha
Da mente doutrina estranha,
E acha a lei sublime e clara
Que os soes e as almas domina,
Como aos muros em ruina
A hera os une e os ampara,

Ó turba, não escarneças:
Coisas ignotas são essas
P'ra ti, que p'ra baixo olhas,
Sem luz no horizonte accesa:
Do livro da Natureza
'Stão-te fechadas as folhas...

*

Como nas ruas de Athenas,
Curtindo pungentes penas
No mais íntimo do peito,
Ia Esopo, ao sol, um dia,
Na multidão fugidia,
Em busca do homem perfeito:

Assim venho aqui ansioso,
No teu sorriso piedoso
O ideal do amor procurar:
Só eu, em noite de agruras,
Trago a minh'alma ás escuras...
Accende-a no teu olhar!

V

Á VISTA DAS RUINAS DE TROIA

(DEFRONTE DE SETUBAL)

Branquejam na areia dispersos os ossos
Das raças extinctas na dôr, na afflicção...
Oh! torres cahidas! oh! velhos destroços!
Ninguem vos entende... Só meu coração.

VI

ABANDONADO

Senhora! quando partiste
Levaste-me o coração.
Além de só, fiquei triste...
E dôr maior não existe
Que o penar na solidão.

Por toda a parte que eu vou
Não acho nenhum prazer.
O meu coração voou...
E aquella que m'o roubou,
Talvez m'o deixe morrer.

Não deixes! põe-lhe cuidado
E carinho! trata-o bem!
Que elle anda muito magoado...
E, apesar de desesp'rado,
Não bate por mais ninguem,

Senão por ti! Tú sòmente
Aspiras o seu calor.
Sê enfermeira ao doente...
Acolhe-o a ti docemente...
Deu sempre saude o amor.

Ou, se quiseres, Senhora,
Envia-me em troca o teu...
Peço-te de mais? Embora.
Um pobre sempre se chora...
E pobre de amor sou eu.

VII

RESPOSTA

Uma carta tão bonita,
Mas fria de tal maneira,
Que até parecia escrita
Das serranias da Beira,

Ao som dos ventos gelados
Que vão a gemer na rua,
Como os coros dos finados
Nas noites tristes, sem lua...

Pois nem sequer uma vez
Fallavas de amor... e eu li-a
Bastantes vezes! Já vês
Quanto essa carta era fria.

Fiquei immovel ao lê-la,
Perturbado, confundido.
Da tua lettra tão bella
Nem afastava o sentido,

Ainda acaso á procura
De alguma palavra doce
Que te escapasse... e me fosse
Guia na duvida escura,

Ou luz neste labyrinto
De irrequietos pensamentos,
Em que perplexo me sinto.
Nada! Apenas comprimentos,

Phrases bem arredondadas,
E scintillações de estylo...
Oh! que horas attribuladas
Passei a lêr tudo aquillo!

Um só confôrto me déste
Na mágoa que me opprimia:
Foi quando ao fim escreveste
Em tom familiar: MARIA.

O teu nome símplez, suave,
Á vida e ao amor me chamou,
Vibrante gorgeio de ave
Que ao romper d'alva cantou.

Como o hymno onde o crente invoca
A um deus com todo o desvelo,
Eu tenho-o sempre na bôca...
Eu ando sempre a dizê-lo...

VIII

A PROPOSITO DE UM RETRATO

Amigo! não me sejas estouvado,
Já cantando, já rindo:
Curva os joelhos, e adora o que é sagrado...
Levanta a fronte, e admira o que é tão lindo...

IX

EPITHALAMIO

No dia que te casares
Nem o sol ha-de nascer,
Nem ha-de alegre nos ares
Seus hymnos o vento erguer;

Nem o campo ha-de ter flores
P'ra o teu throno de rainha:
Pois dei-te tantos amores,
E não quiseste ser minha!

Varzea e monte e terra e ceu
Vestirão luto pesado,
E mais do que todos eu,
No dia do teu noivado.

E, quando te for a unir
Ao teu noivo o impio abbade,
Pela igreja hão-de-se ouvir
Os meus gritos de saudade.

O santo confessionario,
As columnadas, o tecto,
O baptisterio, o sacrario...
Tudo, coberto de preto!

Os sinos todos: dlão! dlão!
Num tom tão lugubre e novo,
Que elles sós annunciarão
Grande desgraça no povo.

E os mortos, alevantando
Do chão a cabeça fria,
Dirão, num brado nefando:
—Maldição para este dia!

*

Perdoa-me, na tortura
Da minha febre de amor,
Tanta blasphemia e loucura...
Nada d'isso é odio: é dôr.

X

NA MINHA SEPULTURA

1.

Ninguem me quis na vida o coração.
Como um velho navio abandonado
No Mar-Negro, através da cerração,
Sem velame, nas ondas balouçado,

Ninguem m'o quis. Quem q'ria essa ruina,
Essa nesga do Inferno, onde jamais
Deitou orvalho a aurora purpurina,
Ou a molher fez escutar seus ais?

2.

Andei no mundo, como um marinheiro
Que sulca as ondas á mercê do vento,
Já batendo no escolho traiçoeiro,
Já cahindo no abysmo truculento...

E ainda sinto no peito um pesadelo:
Talvez piedosa offrenda,—que sei eu?
D'ella que vem, sublime no desvelo,
Pisar a cova ao triste que morreu!

1895.

NO DESERTO

Ai! horas de desconfôrto,
Que estive esperando em vão!
Já sentia quasi morto
O coração!

Passou o sol e a lua,
E perguntei-lhes por ti:
Só na luz os rastos vi
Da imagem tua...

Passou suspirando o vento:
— Ó vento, para onde vaes?
Leva-lhe o meu pensamento
Nesses teus ais.

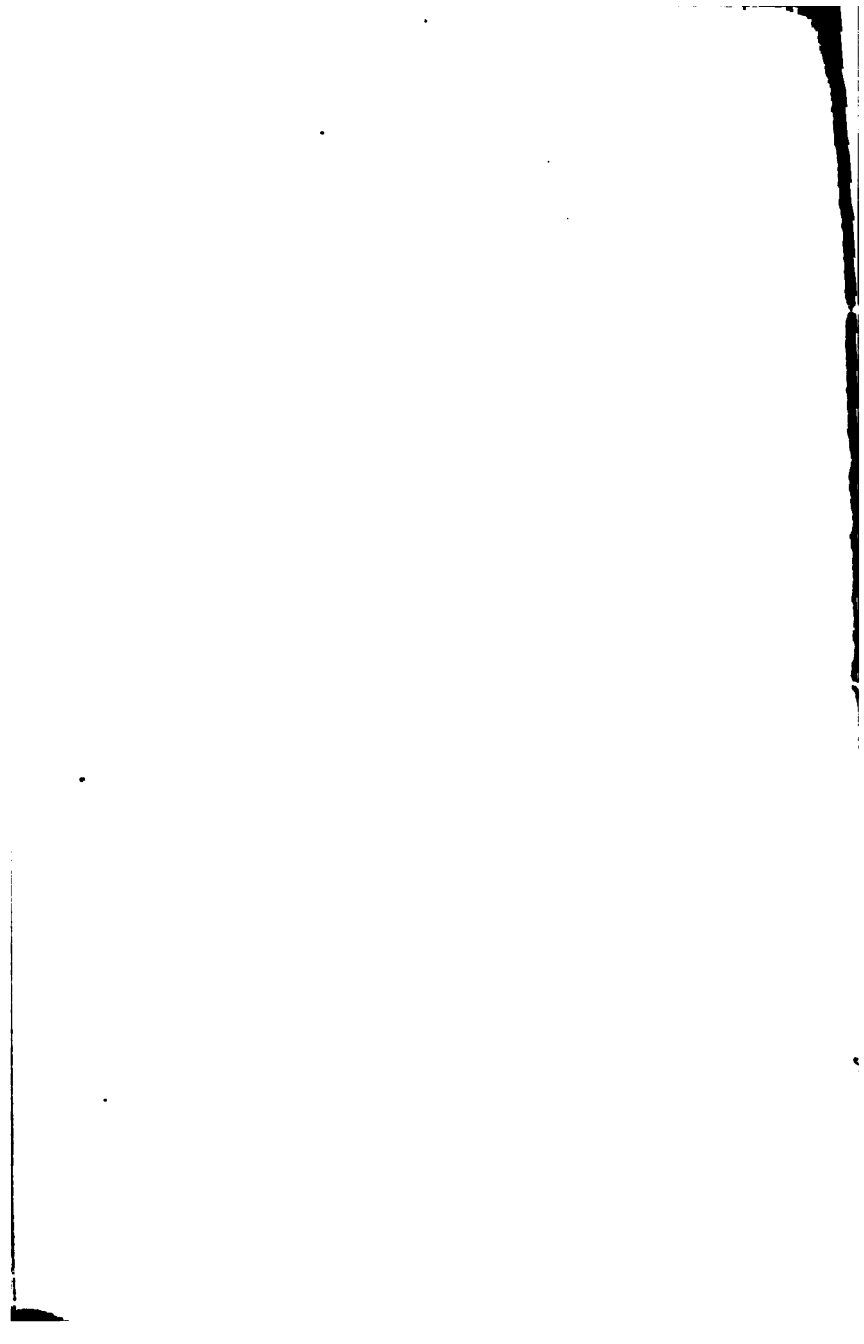
— Nuvem, porque é que toldaste
O ceu da minha ventura,
E sòzinho me deixaste
Em sombra escura?

Põe-se o sol. Ninguem responde
Á minha saudade infinda.
Na nuvem a lua esconde
A face linda.

Toda a noite e todo o dia
Numa tortura sem par,
Pois, amor, não te podia
Ver, nem fallar!

1896.

ILLUSÕES

I

A BOA FADA

Não negues! pois eu sei que boa Fada
Uma vez te fadou, e que te deu
Como sorte infallivel o ser eu
O teu amado, e tu a minha amada.

Prophecias ninguem as rebateu!
Contra o Destino não se póde nada!
Percorramos sem medo a nossa estrada,
Que ella por fim ha-de chegar ao ceu.

Ai! o amor não lhe chamem vã chimera,
Falso sonho de poetas, phantasia
Que nas almas dos loucos só se gera:

Elle nos leva a noite e traz o dia,
Torna a vida em perpétua primavera,
E, na falta de Deus, elle o sería.

II

IN AMORE VIVAMUS!

De noite, em sonhos d'oiro, contemplá-la,
Como num vôo de ave foragida,
Que me dá num sorriso luz e vida,
E me descobre o ceu na sua falla;

De dia, a todo o instante, desejá-la
Aqui, junto de mim, num throno erguida,
Onde a minh'alma encontre emfim guarida
Contra os terrores que andam a assaltá-la:

A isto chamam-lhe muitos *romantismo*...
E escarnecem e zombam d'esse egoismo
Que leva os homens a chorar na dôr...

Ó espiritos fortes, ó tyrannos,
Calae os vossos labios deshumanos,
Porque vós não sabeis o que é o amor!

III

VOZ ETERNA

Subo ao cimo das cousas, e perscruto
As fórmas da existencia tumultuosa:
O mar banhado em lagrimas, a rosa
Côr de sangue, o ceu alto, o bosque hirsuto.

Eis que no curso do meu sonho escuto
Uma voz que me diz, maravilhosa:
«Vida! que és tu sem mim? Flor venenosa,
«Que nasce em chão de mágoa, e não dá fruto».

E, quando acórdo, um pouco espavorido,
E faço por compor no meu sentido
As ideias dispersas ao sabor

Dos ventos da consciencia atormentada:
Então te vejo aqui, ó minha amada,
Ao pé de mim, fallando-me de amor.

IV

COSMOS

Achei-me alli perdido na montanha,
Sem ninguem me sorrir, nem me fallar.
Na terra immersa em apathia estranha
Vinha cahindo a noite de vagar...

Em parte alguma, fundo valle ou penha,
Nem canto de ave ou raio de luar!
Quem te vence no horror, esteril brenha?
Lobo sinistro, porque estás a uivar?

Erguendo tristemente aos ceus os braços,
Como a afastar a sombra dos espaços,
Absorto no pavor, eis o que eu disse:

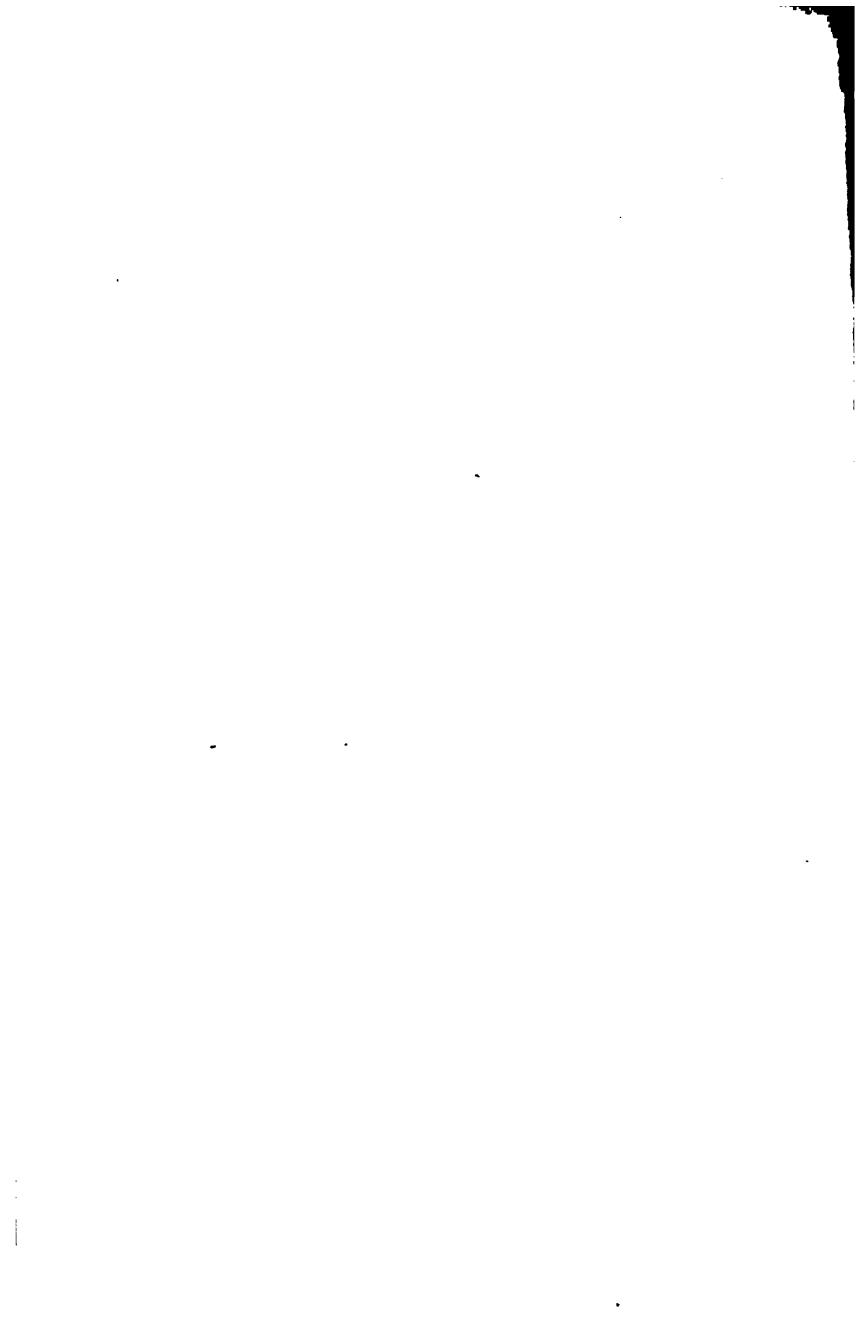
— Neste vacuo da noite via a imagem
Da minha vida, se em atroz voragem
O teu amor acaso me fugisse...

V

CASTELLO Á BEIRA-MAR

Lindo castello á beira-mar erguido,
Cortando o ceu, como uma evocação.
Passa o vento, que entoa num gemido
Entre as ameias medieval canção:

Côrtes-d'amor, torneios, alarido
De caçadas... e o velho castellão
Na torre-de-menagem abatido,
A lembrar-se dos tempos que lá vão.

Oh! quem me dera ser um cavalleiro,
Vestido de aço, de broquel e espada,
Pelo amor a correr o mundo inteiro!

I

Tanto eu soffria! tanto a desventura
Tinha vindo bater á minha porta,
Que eu não podia mais!
A esp'rança, meia morta...
E choravam as aves pela altura...
Soturno o mar, todo desfeito em ais...

Homem! quando em teu ser a dor se entranha
E te vaes lamentando pela estrada,
Como mãe desvelada
Tambem a Natureza te acompanha!

Já não podia mais! e fui sentar-me,
Assim doente, e cheio de affliccção,
Á beira de uma rua concorrida:
Com quem passasse eu q'ria consultar-me,
Ouvir o seu conselho e opinião,
Tomar confôrto para a minha vida:
Como faziam, — e não era insania!
(Pois a experiencia sempre nos ensina)
Os selvagens da velha Lusitania,
Que não sabiam de outra medicina.

Quem me acode, e meus males esconjura?
Valei-me, almas piedosas que passaes!

E choravam as aves pela altura...
Para as bandas do mar ouviam-se ais...

II

Ao longe eu vi então surgir um velho
Veneravel, de barbas pelo peito.
Vinha pausado, e cheio de conselho,
Com seu andar solemne, e de respeito.
Todos lhe abriam alas ao passar...
O velho caminhava de vagar,
        Deixando ondear ao vento
O manto e as barbas... como que absorvido
        Em vago pensamento.

Por fim chegou e disse: «Commovido
Da tua mágoa, venho visitar-te.
Sou o VELHO DE CÓS. Ha longos annos
Estudo attento, com esfôrço e arte,
A toda a Natureza os mil arcanos,

Os segredos sem fim, a vária história.
Ao que é sciencia não vás chamar-lhe audacia,
Nem á dedicação chames vanglória!

Tenho corrido mundo,
A Asia-Menor, a Macedonia, a Thracia,
A sábia Athenas, e sondado a fundo
Os mysterios da vida, manejado
Os venenos da Cólchida, colhido
Por toda a parte luz e experiencia...»

E eu, erguendo a cabeça, mais magoado,
Arranquei um gemido,
E disse: «Quem duvída d'essa sciencia,
HIPPOCRATES, meu mestre? O que não deve
Ao teu engenho e amor a humanidade?
A negar quem se atreve
O teu puro caracter e bondade,
Ou não se apraz em repetir de cór
Os *Aphorismos?*... Mas em vão procura
Em ti allívio a minha grande dôr,
Que não se aquieta mais!»

E choravam as aves pela altura...
Desfazia-se o mar, ao longe, em ais...

III

Depois passou Zenão, outro soldado
Das batalhas da Sciencia.
Vinha de muita gente acompanhado,
Reis e sabios, — Antigono e Cleanthes,
Que todos proclamavam a excellencia
D'aquillo que dizia.
Córos altisonantes,
Até hoje chegou vossa harmonia!

Zenão, quando me viu, bradou: « Não gemas!
Sou o pae do *Estoicismo!* Á minha voz
Cae por terra Epicuro, e despedaça
Os grilhões e as algemas

Com que ás almas põe medo e as ameaça!
Só a Virtude viverá em nós,
Como flor delicada
Que abre o peito, e em perfume se transforma.

Anda comigo, segue a minha norma,
Não soffrerás mais nada!»

E eu respondi-lhe: «Ha muito que pratíco
A virtude tambem! e sei o quanto
No fogo da desgraça vale o pranto...
Mas deixa-me, pois cá doente fico,
E, já vejo, a meus males não dás cura,
Antes parece que exaltá-los vaes!»

E choravam as aves pela altura...
E o mar fazia pena além, aos ais...

IV

Zenão fôra-se embora. Sem confôrto
Eu me sentia. Ó duro pensamento,
És o nosso tormento!
Corroes-nos pouco a pouco, e por fim, morto
O espirito desaba, como tôrre
Alta, sublime, esguia,
A que falta o alicerce! Só não morre
A virtude. Zenão bem o dizia...

Meditava eu assim. Eis de repente
Que chega um bello moço prazenteiro.
Vem de toga, e sustenta na cabeça
Uma c'roa frondente
De folhas de loureiro.
Mal que me vê, logo a fallar começa:

« Eu sou LUCRECIO! tem confiança em mim!
Posto seja sectario de Epicuro,
Só a Verdade neste cáos procuro,
Conhecer do Universo as leis, em fim.
Faze o mesmo tambem, para sarares.
Abraça a terra, escuta a voz dos mares,
Abalança-te aos ceus.
Deuses não ha. Só o homem será deus
No dia em que ás suas mãos,—solemne e grave—,
Da machina do mundo houver a chave!

Estuda! que de toda essa harmonia,
Hymnos da selva, e roncos do trovão,
Brota nova poesia,
Maior thema, e mais alta inspiração. »

E eu, em vez de o applaudir, gritei: « Poeta,
Vae-te d'aqui embora.
Deixa dormir no campo a borboleta,
E despontar serenamente a aurora.
Já tenho interrogado a Natureza,
Buscando surprehendê-la:
Sei o que é a vida e a morte; e só tristeza
Em tudo recolhi: nos ares a estrella,

No oceano a vaga, na caverna o vento,
No sepulcro a caveira, e na caveira
A sombra funeral do pensamento
Não dizem nada! É noite verdadeira
Quando se soffre. A dôr nos tapa os olhos,
E sobre as coisas lança um veu de tedio.
Deixa-me cá pisando os meus abrolhos,
Ó Lucrecio, que não me dás remédio!
Nos teus labios ardentes, sensuaes,
Não pude achar frescura...»

E choravam as aves pela altura...
E o mar, lá fóra, sempre aos ais... aos ais...

V

Não parava o tumulto. A todo o instante
Passava gente estranha no caminho.

Quem é esse que avisto agora? Traz
Doce riso na bôca, e no semblante
Resignação e paz.
Vem descalço, vem roto. É S. Martinho.

Abeirou-se de mim, e, com voz terna,
Como de fonte branda que serpeia,
Fallou-me em Deus, no ceu, na glória eterna...
E dava-me o seu pão p'ra a minha ceia,
E tambem a metade do seu manto...

Eu beijei no seu rosto o grande santo,
E retorqui-lhe respeitoso e pio:
«Louvemos o teu nome!
Porém, graças a Deus, não tenho frio,
Nem passo nunca fome!
É outra a minha doença. Nem jamais
Santo nenhum me cura!»

E choravam as aves pela altura...
E na praia batia o mar, aos ais...

VI

Inda vinha mais gente. Num confuso
Tropel de desgraçados, aos lamentos,
Gotosos, paralyticos sem uso
De lingoagem, mendigos lazarentos...
Avultava um varão de serio porte,
Um monge. A uns benção dava, a outros dizia
Palavras de consôlo... Quem sería
Tão singular figura? O fraco e o forte
Se chegam p'ra o pé d'elle... Fiz menção
De me chegar tambem... Tal era a uncção
Que nos seus olhos tinha!

Cadaverico, magro, já caminha
Para junto de mim. Tremi ao vê-lo
Estender-me as mãos brancas como o gêlo...
E majestoso no seu ar senil
Hallucinadamente então me falla:

«Chamo-me S. FREI GIL.
Ninguem, ninguem me iguala
Nas minhas artes mágicas! Eu vou
Aonde o sabio não chega, nem chegou!
Coimbra, Paris, Toledo, toda a terra
Com meu saber se ufana.
Quando eu rezo, não ha no Ceu mysterio.
Logo elle se descerra,
E Deus falla commigo. O seu imperio
É tambem meu. Dois deuses ha então...

Filho! bem sei que soffres muito! Escuta
O que te ensino: toca em meu bordão,
E sararás...»
Mas eu alli em luta
Entrei commigo mesmo, e disse: «Olá!...
És um louco, ou um santo? Pois tão perto,
A santidade, da loucura está...
Se vês o Ceu aberto

E se fallas com Deus... é teu proveito.
Parte-te, velho monge. No meu peito
Continúa a cahir a noite escura...
Não prestam tuas artes auguraes!»

E choravam as aves pela altura...
E o coitado do mar na nevoa aos ais...

VII

Já sem esp'rança alguma, confrangi-me
Na minha dôr. Qual era o negro crime

Que eu tinha commettido, para assim
Tudo se erguer no globo contra mim?

Em quanto uns gozam, outros penam tanto;
Ao pé do algoz e do ladrão o santo;

Ao lado da açucena o charco immundo:
Que lei é ésta que regula o mundo?

Seguia o meu delirio em meio, e vê-se
Vir a distancia grande claridade,
Como ao accender-se um templo. Já parece
Outro mundo, que nasce...
«Na verdade,
Pensei commigo, quem me diz a mim
Que os meus males agora não tem fim?»

E a luz, cada vez mais... e já tão perto,
Que eu disse: «Sim! se S. Frei Gil a via,
É que sem dúvida dizer podia
Que estava o Ceu aberto...»

Mas o que era essa luz? No meio d'ella
Apparecia uma molher sorrindo...
Oh! quanto mais a luz se me revela,
Tanto mais me a doença vae fugindo...

Eras tu, minha amada, quem trazia
Comsigo tanta luz, e me acudia,

No regaço d'estrellas acolhendo
A minh'alma, que estava já morrendo...

Bemdita seja a flor que incensa o prado,
E esmalta e alegra um leito de noivado;

Bemdita seja a nuvem que fluctua
E que umedece a terra sêcca e nua;

Bemdita seja a voz que num gemido
Chama a quem no deserto vae perdido;

Bemdita seja a rocha que no mar
Off'rece o dorso ao que ia a naufragar;

Bemdita sejas tu, que na amargura
Da minha vida me sorriste pura!

*

Quando uns divinos olhos de molher
Nos fascinam, e nós depois só vemos
Aquella que sonhamos e queremos,
E alem da qual não ha nenhum prazer,

E enfermiços de um mal estranho e forte
A correr caminhamos para a morte,

Nem bordão de Frei Gil, nem medicina
De Hippocrates, nem sciencia de Zenão,
Nem cantos de Lucrecio, nem doutrina
Do santo mais bondoso e mais christão,

Produzem nunca o effeito tentador
De um sorriso de amor!

Pára o vento nas selvas. Que doçura,
Ó lua e ó sol, na luz então nos daes!

Já não choram as aves pela altura,
Nem o mar se desfaz ao longe, em ais...

NUNS ANNOS

Não cuides que sòmente a archeologia
Me arrebata e endoidece,
E, como um *flamen*, gasto a noite e o dia
Em reverente prece

Ante as aras e os idolos sagrados
Do velho paganismo,
Que o meu alvião, a golpes reiterados,
Desenterra do abysmo:

Eu tambem sei apreciar o encanto
Da vida que se passa
Sob o olhar da molher, sereno e santo,
Que lhe dá vida e graça.

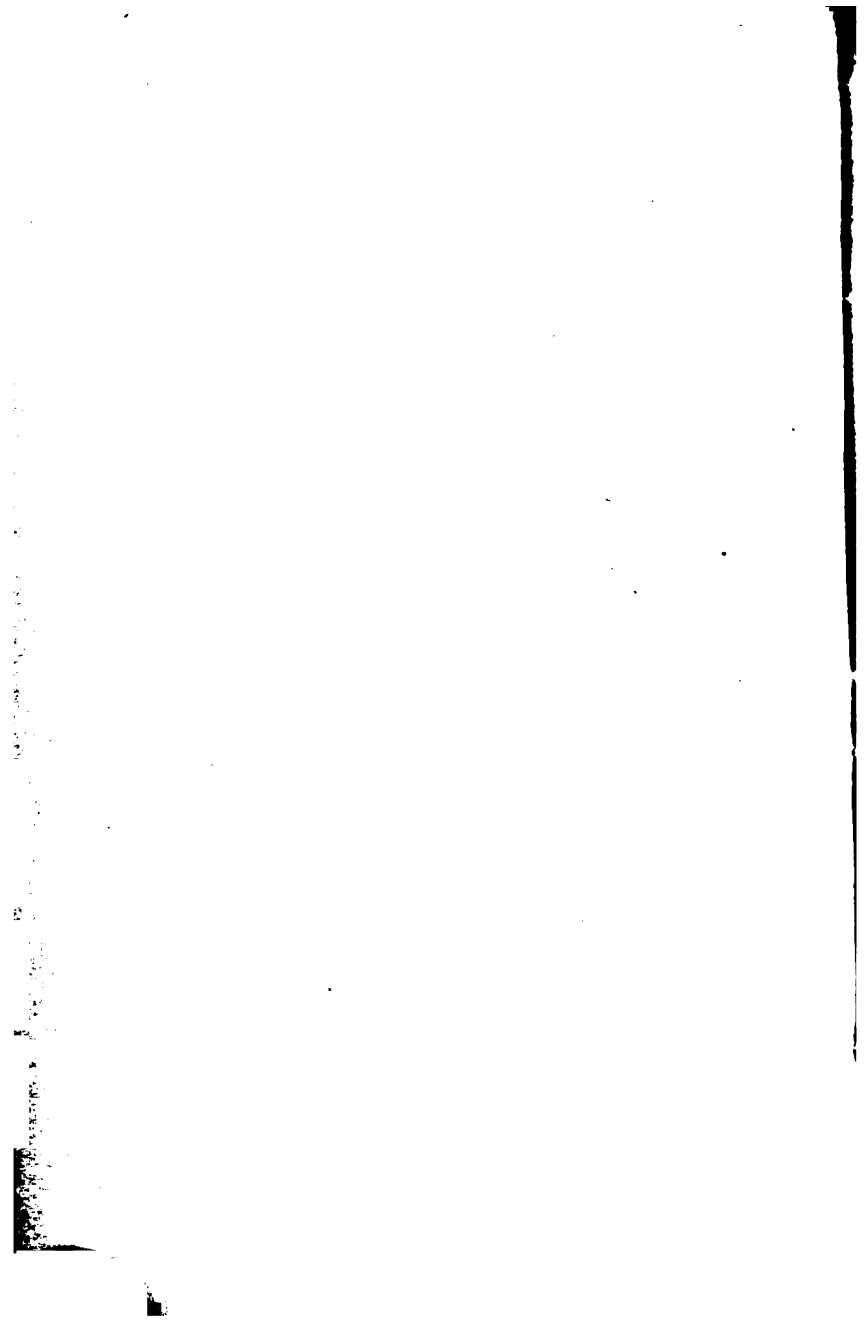
Onde se encontra templo em plena festa
Mais vivo e mais radioso,
Ou entre as harmonias da floresta
Ninho mais venturoso

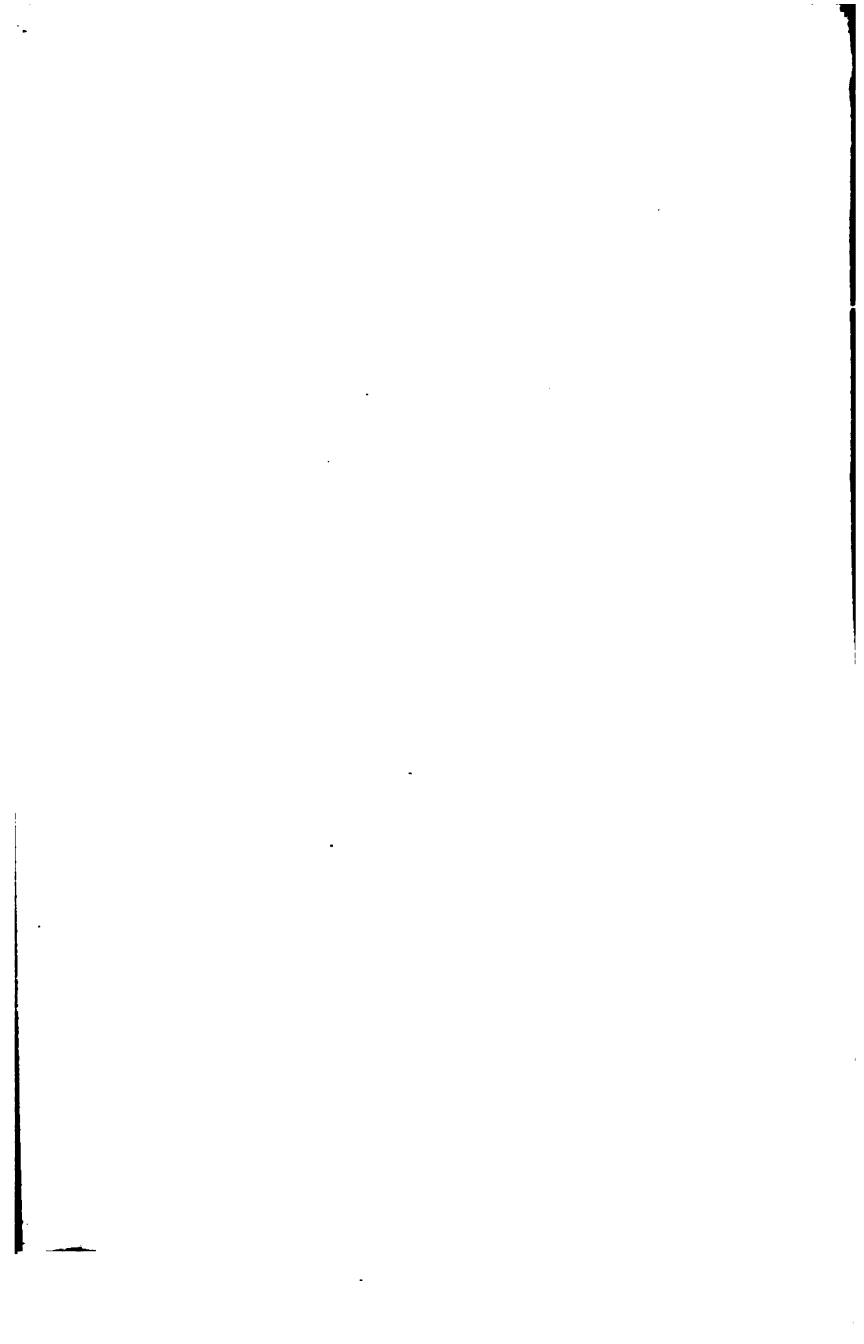
Do que o lar, essa eterna primavera
Que do Ceu se avizinha,
Em que a molher ufanamente impera
Como deusa ou rainha?

Eis porque eu venho lá de longe agora,
Romeiro e peregrino,
Saudar com enthusiasmo a tua aurora,
Off'recer-te o meu hymno,

Pois que das flor's que no jardim se abraçam
És a dilecta filha,
E entre as estrellas que nos ceus perpassam
Tu és a que mais brilha;

E, ó anjo de doçura,
Mostras ao teu esposo o paraiso,
Coroada de esplendor,
Dando-lhe assim o calix da ventura
Na luz do teu sorriso,
Na paz do teu amor.

Douro, 1888.

LYRA FUNEBRE

(3.ª EDIÇÃO)

La più ridente stella eri del cielo,
Anima semplicetta e senza velo!
T. Cannizzaro, *Fiori d'Oltralpe.*

I

Ao vê-la morta, no caixão deitada,
Como eu havia de chorar por ella!
Como eu havia de tremer, ao vê-la,
Linda rosa tão cedo desfolhada!

Naquelle dia a luz da madrugada
Nasceu sem brilho, lugubre, amarella;
E de noite, no espaço, cada estrella
Tinha a fronte pendida, desmaiada.

Estão de luto agora as violetas...
Quebrae as vossas lyras, ó poetas,
Em hollocausto àquella que morreu...

Podem dizer-me que no Ceu descança:
Mas ai! a quem perdeu a fé e a espr'ança
De que é que serve vir fallar no Ceu?

II

Quando ia para a igreja, toda a aldeia
Chorava, ao vê-la assim tão linda e nova
Para sempre arrastada para a cova...
Como uma onda que quebrou na areia!

Nem só uma ave na amplidão gorgeia,
Ou ha um arbusto verde que se mova!
Chorava tudo, ao vê-la assim tão nova,
Sem luz no olhar, que o amor já não ateia.

É justa a vossa mágoa e sentimento,
Ó aves mudas, silencioso vento,
Da tristeza da morte precursores!

Voou a branca pomba que sorria!
Lá vae levada pela aragem fria...
Vinte e dois annos! Vinte e duas flores!

III

Dizem que ella levava as mãos erguidas,
Na attitude de quem supplíca e chóra,
Como as santas e as martyr's que, na aurora
Da vida, cahem para o chão pendidas.

Quem viu aquellas faces tão florídas,
Que a frieza do tumulo descora!
Quem viu aquellas tranças de oiro, agora
Pelos ventos da noite desprendidas!

Fugi, sonhos, que no ar andaveis d'antes;
Acompanhae-a nas regiões distantes,
Aonde a morte a arrastou e a tem cativa.

Quem sabe? Será funda a sepultura,
E a eternidade pavorosa, escura...
Talvez, porém, o coração lá viva.

Porto, 1884.

A MOLHER

NUNS ANNOS

Quem pudéra dizer, Molher, o nome teu,
Sem que dentro do peito o coração vibrára?
A flor de mais perfume, a perola mais cara,
A harmonia do oceano, o vivo azul do ceu,

São a penumbra vaga apenas, que sei eu?
D'onde se te destaca a formosura rara...
Quando sorris, a noite a escuridão aclara,
A dor humana cessa. — O amor tudo venceu!

Se eu um cantor humilde e sem estro não fôra,
Como ardente canção não entoaria agora
Áquella que hoje aqui, dos seus estremecida,

Entre c'roas de luz, num throno venturoso,
Colhe as bençãos da mãe e os affectos do esposo,
No esplendor da belleza e na manhã da vida!

Vianna do Castello, 1889.

DEPOIS DA FESTA

Foram lindos, de certo, esses momentos
Em que no teu jardim, sob altos ramos,
De braço dado, com fervor trocámos,
Á luz da lua, tantos juramentos!

Que castellos nos nossos pensamentos
Então festivamente architectámos,
Por cujas solidões em sonho andámos
Longos poemas de amor cantando aos ventos!

Depois veiu ave negra: e as suas pennas
Deixou cahir, maldita, nos espaços,
Toldando ceus e sonhos e desejos...

De tudo o que passou restam-me apenas,
No peito, contusões dos teus abraços,
Nas faces, queimaduras dos teus beijos!

Figueira da Foz.

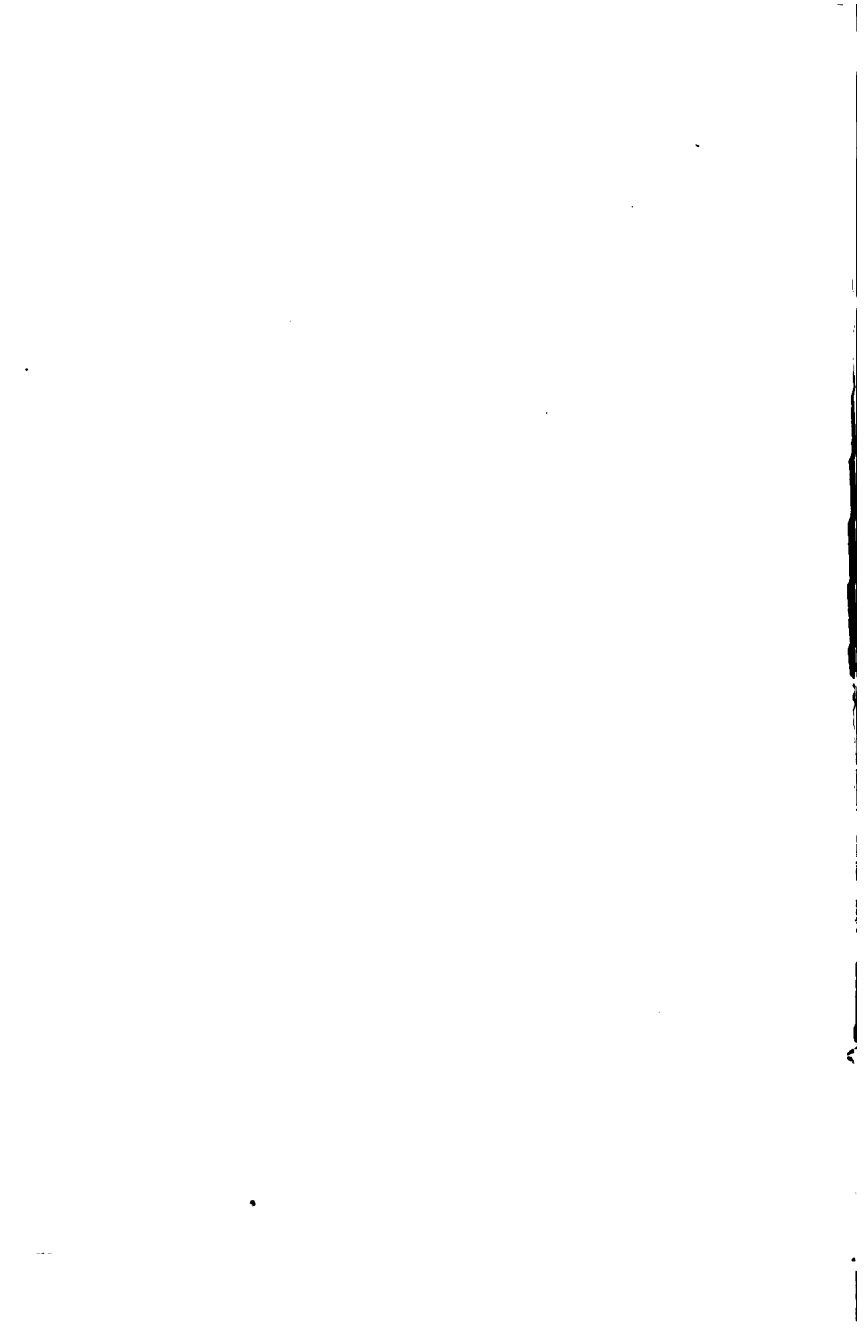
NUMA SEPULTURA

Quando na vida só se tem por norte
Honra e virtude, unicos bens terrenos,
Encara-se sem medo a propria morte,
E a pedra do sepulcro pésa menos.

Foz do Douro, 1895.

NUM LEQUE

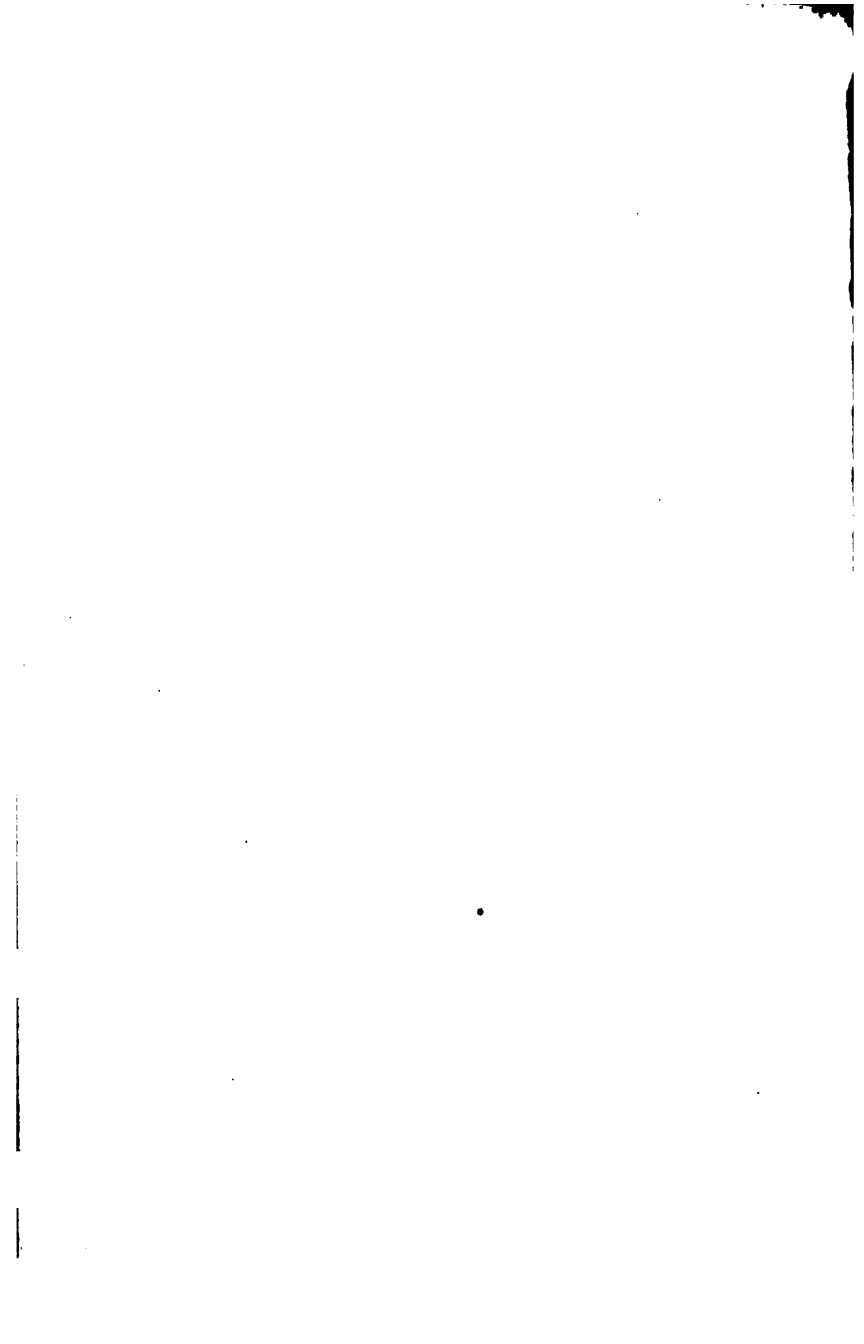
Ia perdido o astronomo, á procura
Da luz que lhe fugíra pelos ceus...
Pobre do sabio! em longa noite escura,
Tendo tão perto a luz dos olhos teus!

1894.

EM LIBERDADE

Depois que me vi sôlto dos teus laços,
E voltei outra vez, na paz antiga,
A chamar meus aos astros dos espaços,
Ao sol que me abençoa, á lua amiga,

E já não me anda a mim constantemente
Essa cara de c'ruja mal fadada
A appar'cer-me sinistra, impertinente,
Envôlta em trevas, que eu não via nada...

E, em fim, mais livre do que o aereo vento,
Pelo mar no meu bote vou mettido,
Sem ninguem que me estorve o pensamento:
Mal sabes tu quanto me tenho rido!

Paris, Agosto de 1897.

DE RODA DA OLIVEIRA

Quem passou pela oliveira,
E uma folha não colheu,
Diz a trova novelleira,
Do seu amor se esqueceu.

Jurando pelo rifão,
O mesmo me repetiste,
Quando no olival me viste
Não levar nada na mão.

Eu cá por mim, todavia,
Cuido que a trova que mente:
— E perdoa esta ousadia
De ser um tanto descrente...

Pois, quantas vezes passei
Pela oliveira fadada,
Sem que lhe cortasse nada,
Sempre de ti me lembrei.

No Guadiana, 1897.

PRESAGIO

Que tristeza, Leonor!
Tolda-te o olhar nuvem densa!
Tu has-de dizer que é doença...
Eu cá, direi que é amor...

Pois se o condão da molher
É amar e ser amada,
Tu, sorriso da alvorada,
Sem amor? Não póde ser.

Olhando altiva p'ra o ceu,
A flor ama o sol que a abraça;
E a pomba, cheia de graça,
Ama o ninho em que nasceu.

Ficarias excepção
D'esta lei da Natureza?
Se não tivesses belleza,
Nem tivesses coração...

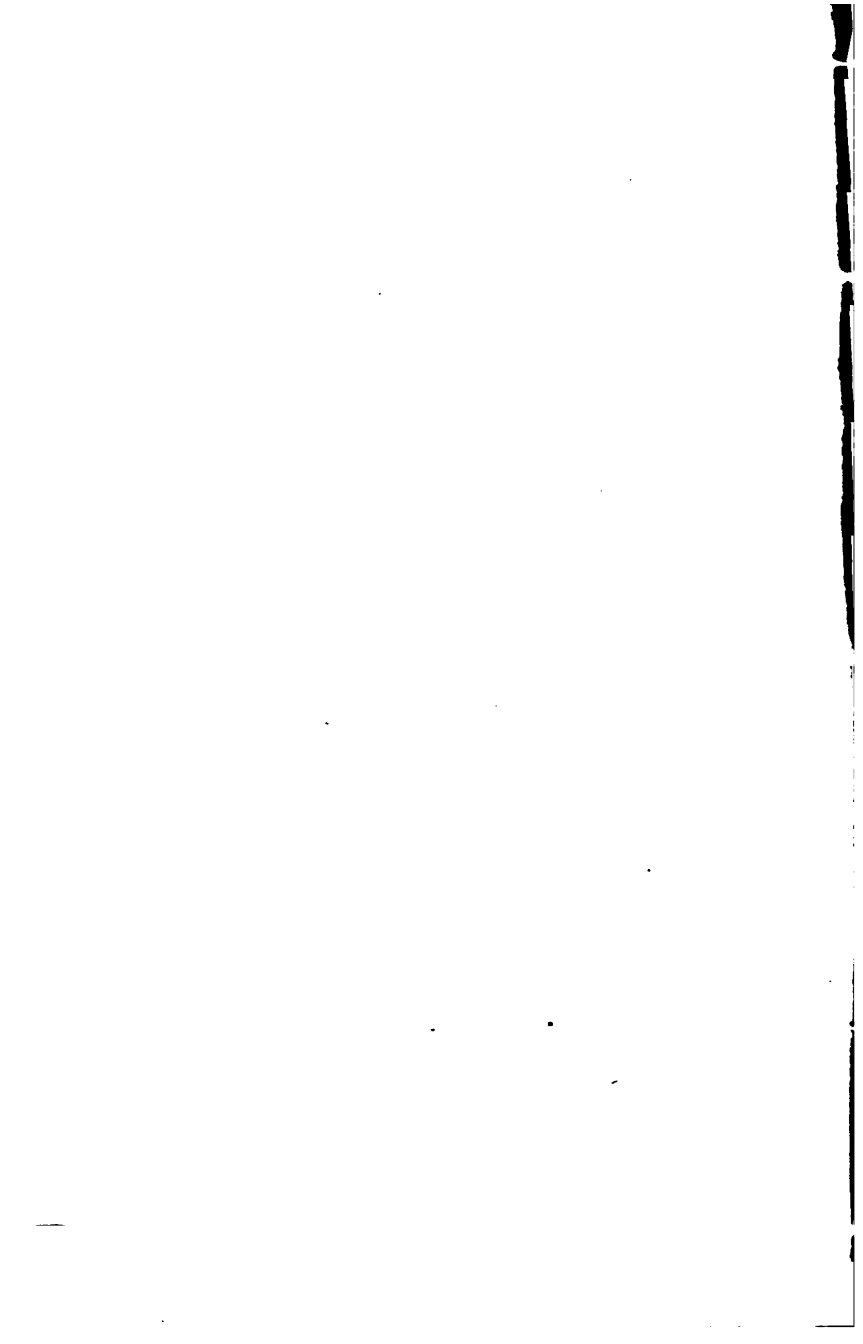
Que tristeza, Leonor!
Tolda-te o olhar nuvem densa!
Não venhas dizer que é doença,
Que eu bem sei que é só amor...

1894.

TREBARUNA

DEUSA LUSITANA

—

(2.ª EDIÇÃO)

TREBARUNA

A final, quando a Morte inexoravel, fria,
Envôlta no mysterio e na sombra,—que horror!
Da minh'alma roubar a limpida alegria,
Como quem a um jardim arranca a melhor flor,

Ao menos hei-de ter, nas noites estrelladas,
Á beira do sepulcro onde eu em paz dormir,
Uma virgem que estenda as asas perfumadas,
Engalhando o meu somno, a cantar e a sorrir...

Quem é que lhe tributa amor mais verdadeiro,
Ou com tanta paixão e fanatismo a adora?
Eu fui um seu devoto, eu fui um seu romeiro,
Empós d'ella a correr pelo universo fóra:

Celorico sentado em seu throno, na altura,
Como a estátua da peste, annoso e gemebundo;
A Guarda feia e fria; a Covilhã escura;
E o Fundão, que eu pensei ser no cabo do mundo!

Toda a Cova da Beira: Algôdres escondido
Entre a neve a cahir, entre os lobos a uivar;
Tortosendo, um degrêdo; e, como um monstro, erguido
Com seus môrros o Herminio os ceus a ameaçar...

Trebaruna! não ha nos idiomas da terra
Nome de mais poesia ou de maior encanto:
Dás-nos prazer na paz e victória na guerra...
Bem haja o teu influxo omnipotente e santo!

Quantas vezes, ao fim das batalhas, — que digo?
Viriato, o feroz soldado das montanhas,
Da patria o salvador, não se abraçou comtigo,
Embriagado no ardor das epicas façanhas!

E vinham lá da Serra os maioraes tiznados,
De seus çafões de pelle, a abençoar-te tambem.
Cobria o carujeiro os covões, os montados;
O Mondego assoalhava areias de oiro além.

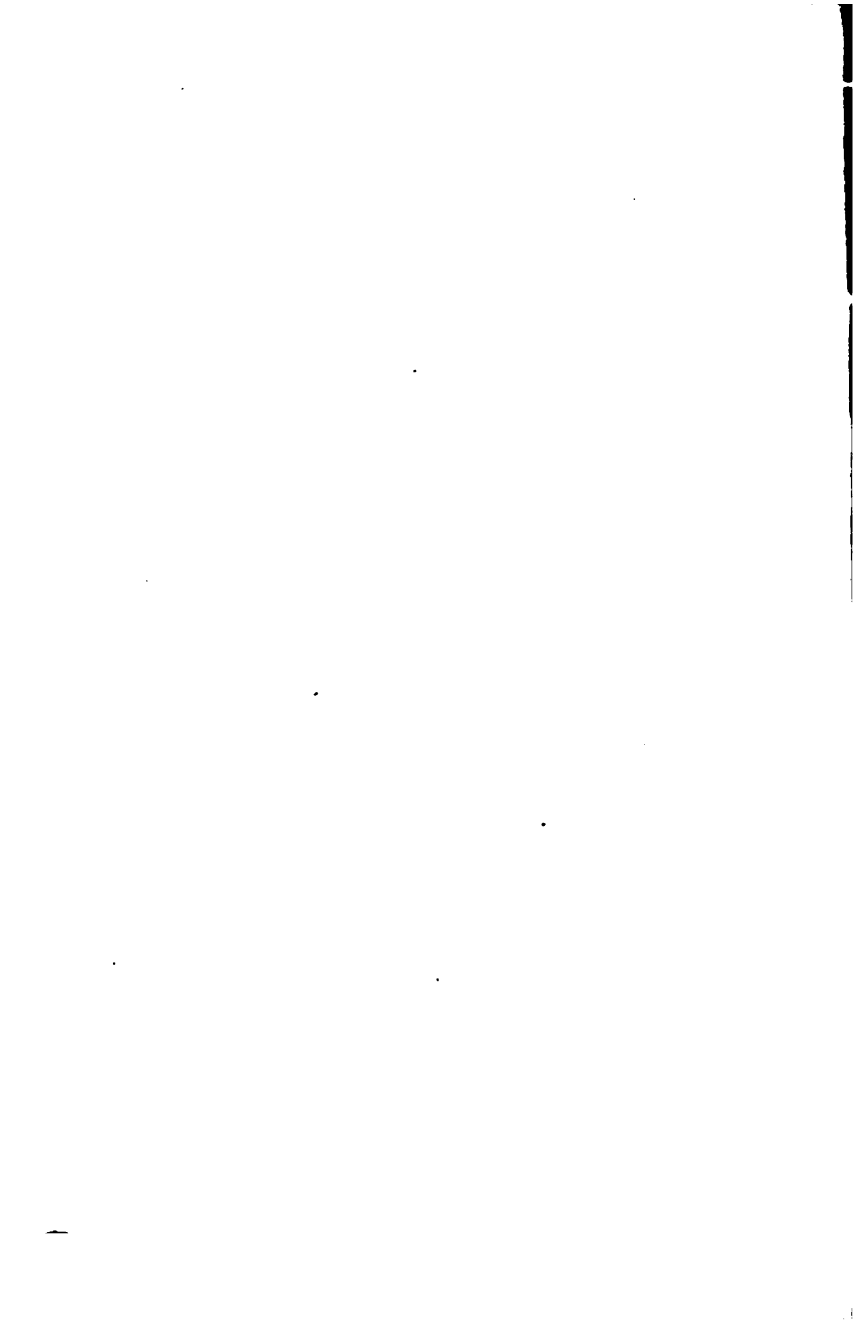
Desde as ribas do Côa até á velha Idanha
Eram gritos de festa, — unisono clamor:
Os moços a dançar numa alegria estranha,
As môças a saudar em mil canções o amor...

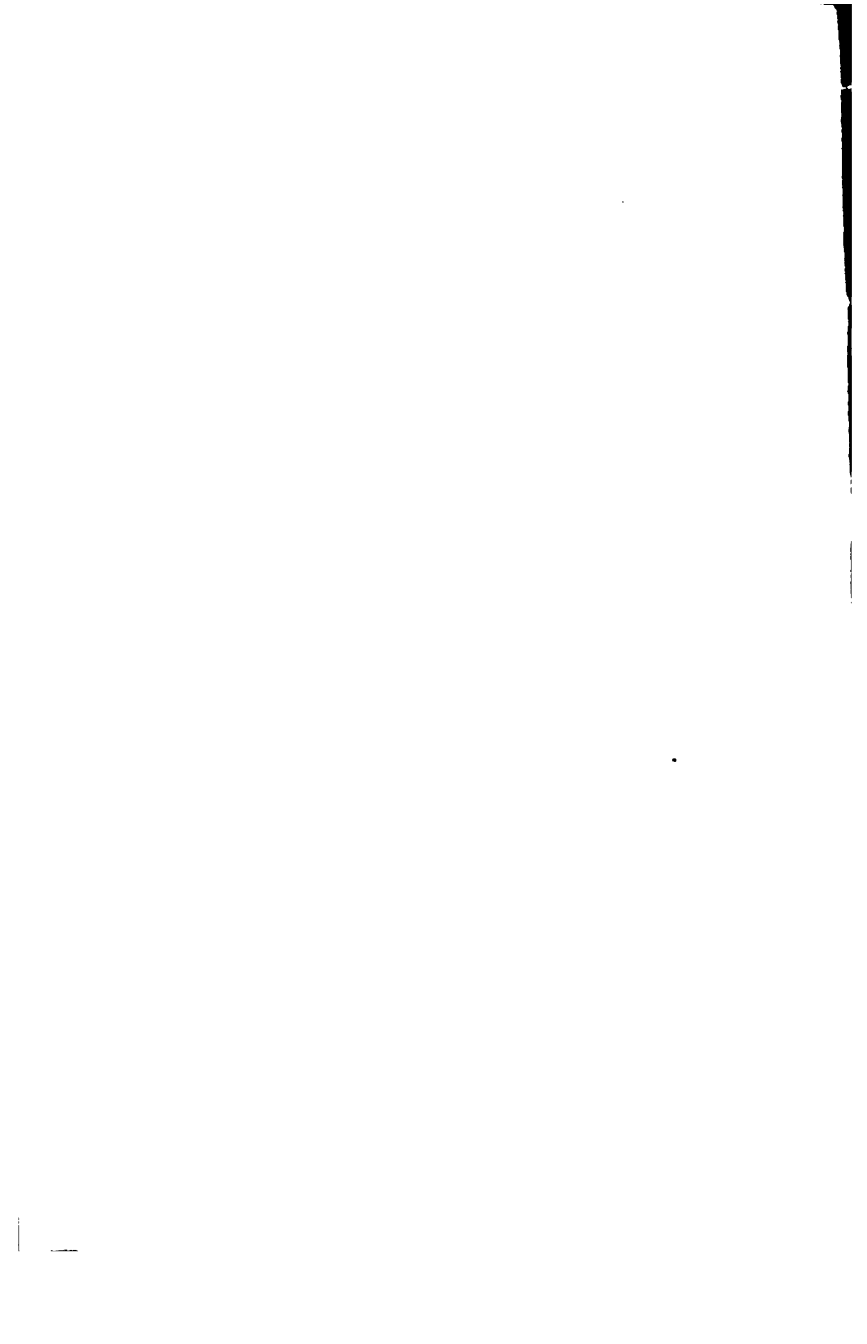
E tudo jaz na ruina: o tempo avaro, infando,
As aras derribou, ás ovações pôs termo:
Onde d'antes se ouvia o antístite rezando,
Cresce o zimbro silvestre e o sargaço, num ermo.

Eu fiz-te renascer, eu dei-te vida nova!
Quando pois eu dormir p'ra sempre, tu has-de ir,
Linda deusa beirã, guardar a minha cova,
Embalar o meu somno, a cantar e a sorrir...

1892.

A PÀDEIRA

DE

ALJUBARROTA

1385

A PÀDEIRA DE ALJUBARROTA

1385

«He célebre ainda hoje a memoria da *forneira de Aljubarrota*, porque, levando da sua pá, que ainda se conserva, sabio tambem á caça de Castelhanos, e dizem que á sua parte matou sete».

MONARCHIA LUSITANA, VIII, XXIII, 40.

Tinha acabado a luta. Sobre o campo
Descia de vagar a noite umbrosa,
Envolvendo num manto de tristeza,
Feito de maldições e de soluços,
Os corpos dos vencidos, que dormiam
Na paz da morte, — lugubres despojos!
Quem pudéra dizer, ha pouco ainda,
Que essas varzeas risonhas e viçosas
Iam em breve ser como um theatro
De sangue, e muito mais, um cemiterio!

Negro e cerrado o ceu. Ao longe os montes
Pareciam phantasmas. Não se ouvia
O cantico das aves; simplezmente
Graznava o corvo na amplidão soturna.
Que pena ver alli, na flor dos annos,
Extinctos para sempre, os cavalleiros,
Os donzeis namorados! Nobres lanças
Lá cahiram no chão! Pendões de glória
Serviam de mortalhas aos cadaveres!
O velho veterano, encanecido
Na dureza e no ardor de mil combates,
Jazia ao pé do moço imberbe e loiro;
O capitão ao lado do bèsteiro:
É para todos tão igual a morte!

Através do sombrio açougue humano,
Onde, as asas batendo, lacrimosa
A aguia negra esvoaçava pelo espaço,
Passou sem medo uma molher: sorria,
Ao ver por terra os Hespanhoes prostrados...
E o seu sorriso ironico, mordente,
Cortava como a espada de um guerreiro.
Era uma aldeã: rosto tiznado e rude,
Sem linhas delicadas, nus os braços,
Soberba a fronte, — na embriaguez da glória!

Batendo o pé recalcitrante e firme,
E nos ares brandindo altivamente
Uma pá, santo emblema do trabalho,
Ella disse com voz solemne e crua,
Que, ao longo das idades, até hoje,
De Aljubarrota os echos transmittiram:

«Ora bem, que emfim achastes,
Tinhosos cães de Castella,
Repouso após a procella...
Ora bem!

Havieis de estar cansados!
A jornada, violenta...
A luta, sanguinolenta...
Ora bem!

Somos um povo pequeno,
Mas temos nas occasiões
Bons brios, largas acções...
Ora bem!

Não soffremos que nos venham
Insultar na propria terra!
Respondemos com a guerra,
Ora bem!

Deixam o lar as matronas,
Deixam o campo as ceifeiras,
Deixam o forno as pàdeiras,
Ora bem!

E ao rebate correm todas
A arriscar-se (Deus nos valha!)
Nos perigos da batalha.
Ora bem!

A final, cães de Castella,
Vós podeis descansar já,
Debaixo da minha pá...
Ora bem!»

Como que alli então galvanizados
Ao embate da pá cruenta e fria,
Ergueram as cabeças os soldados,
Que a morte já desfigurado havia,

E lividos disseram: «Ora bem!
Quando ha odios profundos entre as raças,
E cada povo autonomia tem,
Que importam planos, guerras, ameaças?

NA RESISTENCIA HEROICA, VERDADEIRA,
DE UM PAÍS OPPRIMIDO POR TYRANNOS,
MAIS PÓDE A HUMILDE PÁ DE UMA FORNEIRA,
QUE TODOS OS PELLOUROS CASTELHANOS! »

Porto, 1895.

PRO PATRIA

(POR OCCASIÃO DO «ULTIMATUM»)

I

Á INGLATERRA

Lá vem a esquadra inglesa! Ao longe a vejo,
Como um vulcão que corta os ceus magoados.
Quasi se apaga o sol, seccam-se os prados,
Ao seu lethal, pestifero bafejo.

Ás faces nos acode o sangue e o pejo,
Os nossos corações batem cansados...
Mas ninguem fuja! Guerra aos couraçados!
Ainda cabem muitos mais no Tejo.

Morramos todos numa luta ingloria!
Ha-de ao menos dizer um dia a Historia,
Apontando as ruinas fumegantes:

---Almas feitas de luz, intemeratas,
Não voltaram as costas aos piratas,
Morreram como povo de gigantes.

Lisboa, 16—I—90.

II

AOS INGLESES

Podeis entrar. Temos a barra aberta,
O Tejo é largo, e o povo é bom tambem...
A conquista está certa,
Cascaes dar-vos-ha salvas e Belem!
E dignamente a nossa capital
Ha-de ir a receber-vos, mal vos veja,
— Ainda só que seja
Á ponta de punhal...

Gostareis certamente d'estes montes,
D'estes jardins e d'esta alfombra verde,
Onde cantam as fontes,
E em vago enleio o coração se perde.

Não recueis jámais, ó rufiões!
Possuimos com fartura, quem o nega?
Vinho a correr na adega...
—E balas nos canhões.

Mas descei d'essas naus d'altiva fama,
Com que afrontaes a tempestade e o mar!
Portugal por vós chama,
Vinde tomar refrescos, descansar!
Não ha ninguem que com o inglês se zangue.
Podeis entrar sem medo, a bom caminho!
Bebeis o nosso vinho...
—E nós o vosso sangue.

E até, se nos desmanchos da alegria,
Nessa volúpia alcoolica da glória
(Que ás vezes num só dia
Mudam-se em crepe as palmas da victória!)
Cahir de bebado o laurel bretão:
Somos capazes, sim, em tal revés,
De vos erguer do chão...
—E dar dois ponta-pés.

Lisboa, 19—I—90.

OS «FRAILES» DE BURGOS

(CARMELITAS DESCALÇOS)

Em tempos mais propicios, esse ardor
Com que rezaes de joelhos na clausura
Era virtude aos olhos do Senhor;
Hoje aos olhos dos homens é loucura.

Calçae çapatos p'ra fazer figura!
E, como cresce o mato no pendor
Das montanhas, robusto e com vigor
Cresça o vosso cabello na tonsura!

Tão pouco miolo tendes na cachola:
E inda em cima rapados á navalha,
Santos *frailes*, que só olhaes de rôjo...

Descalços, çujos, a viver da esmola,
Carmelitas de Burgos, — Deus nos valha!
Vós não me inspiraes fé, metteis-me nojo!

Burgos, 1897.

O MOSTEIRO DE ALCOBAÇA

Afigura-se-me ainda o refeitorio,
E nelle os santos monges adivinho,
Que tinham tudo cá por illusorio,
Menos a taça onde fervia o vinho.

Entre o tinir dos pratos, no destrôço
De iguarias de preço e bom sabor,
Ouço risadas, bernardices ouço...
O que lá vae na mesa do Senhor!

O abbade, entorpecido num lethargo,
Resona á cabeceira da funcção:
Descae-lhe o papo sobre o peito largo,
A pança boja acima do cordão.

Desmaia a tarde pelo ceu ligeira,
Pesada em volta a Natureza está,
Como o abbade que dorme na cadeira,
Tonto do vinho, e nem acorda já!

Ao longo das arcadas do convento
Reboam vozes de orgão,—que prazer!
Anda toda a cozinha em movimento,
P'ra no outro dia nova festa haver.

Decorreram os seculos. E tudo
Nos coutos de Alcobaça emfim morreu:
O claustro, quasi em ruinas, ei-lo mudo;
A adega faz lembrar um mausoleu.

Das grandezas antigas e folgança,
O abbade, a mesa, o vinho em largo rio,
Só chegou até nós uma lembrança,
E, pôsto a um canto, o cangirão vazio!

Alcobaça, 1897.

THAT IS THE QUESTION

Quando eu me aproximar da sepultura,
Já quasi sem sentidos, desmanchado
O meu semblante, e vendo ennevoado
O céu que me cobria de luz pura,

Não se cuide jamais que me tortura
O phantasma da Morte escalavrado,
Ou dos labios me rompe congelado
Um ái de desespêro e de amargura:

Hei-de, sim, revestir-me de estoicismo,
E encarar com suprema heroicidade
A fria Esphynge que me tem aos pés,

Pois me encanta e me apraz, junto do abysmo,
Ao penetrar na propria eternidade,
Saber, ó homem, o que em fim tu és...

Cadaval, 1887.

IN EXTREMIS

Busco sondar a origem da existencia,
E vou, como mineiro afervorado,
Por frouxa luz sòmente encaminhado,
Correndo os labyrinthos da Sciencia....

Mas quando mais me canso, — que demencia!
Escuto dentro em mim um longo brado,
Como num pôço fundo, illimitado,
E assim me diz a voz da consciencia:

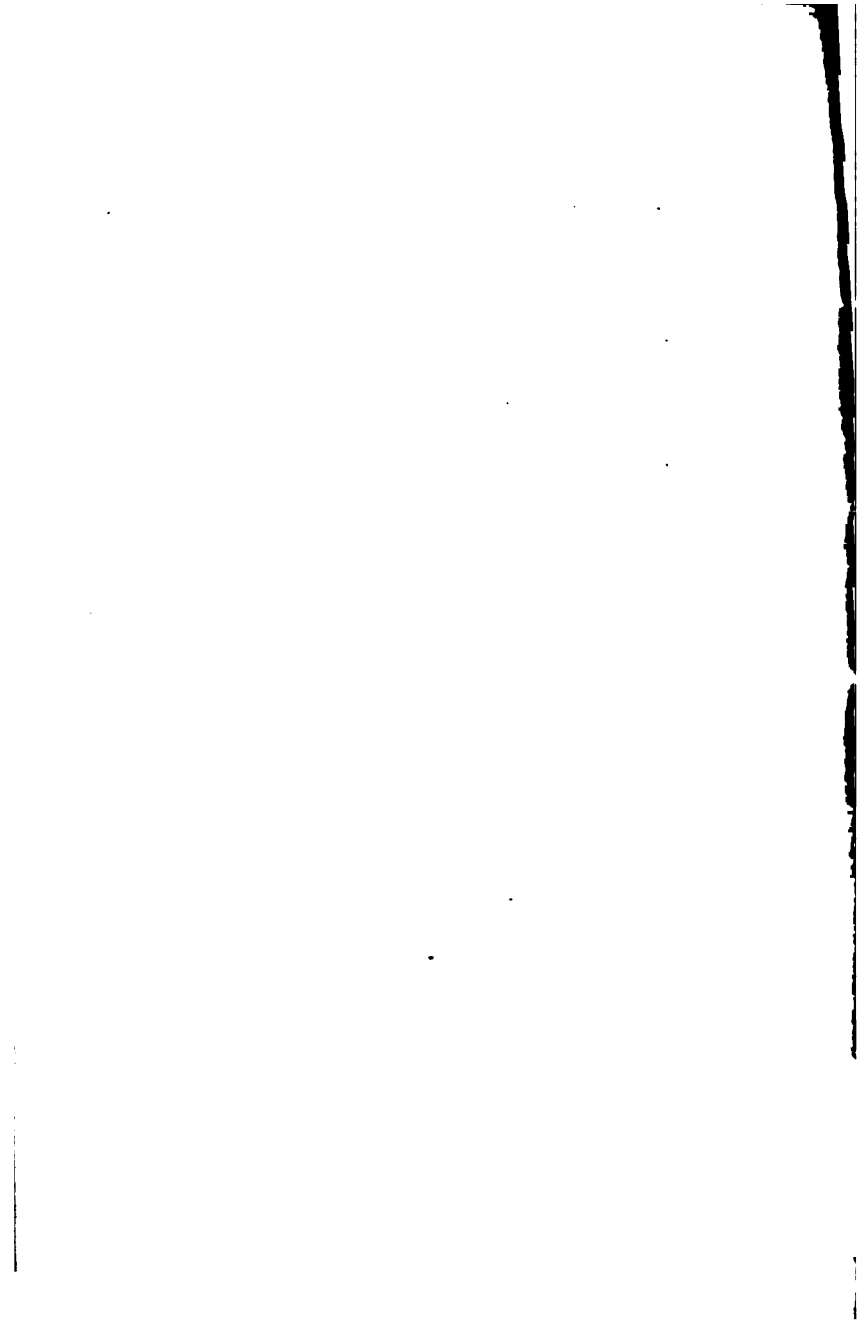
— Em vão, em vão prosegues dia e noite
No teu trabalho tormentoso e rudo,
Na tua triste e lugubre jornada...

Ninguem, emfim, que te acalente e afoite...
A Igreja? Mais se te obscurece tudo!
Deus? Sempre sombras, não adeantas nada!

Cadaval, 1887.

APPENDICE

TRADUCÇÕES DE VÁRIAS POESIAS DO MESMO AUCTOR

I

EM HESPANHOL

POR

D. M. Perry Coronado

EN EL ÚLTIMO DÍA

(*Nuvens*, p. 82)

Cual un monge triste y solo,
¿ quien me manda aqui venir,
que vine a hacer de tan lejos
á morir ?

Creía en tan larga noche
eras norte de mi suerte ;
cuando esperaba hallar vida,
hallé muerte.

Ondas del mar, sepultadme,
llevadme en el turbión...
¿ És un crimen que yo tenga
corazón ?

No os espanteis, negras aves,
culpa no hube, ni yerro:
acompañadme con ayes
en mi entierro.

Solo y triste como un monge,
¿ cual será mi porvenir ?
¿ Por que vine yo de lejos
á morir ? [1]

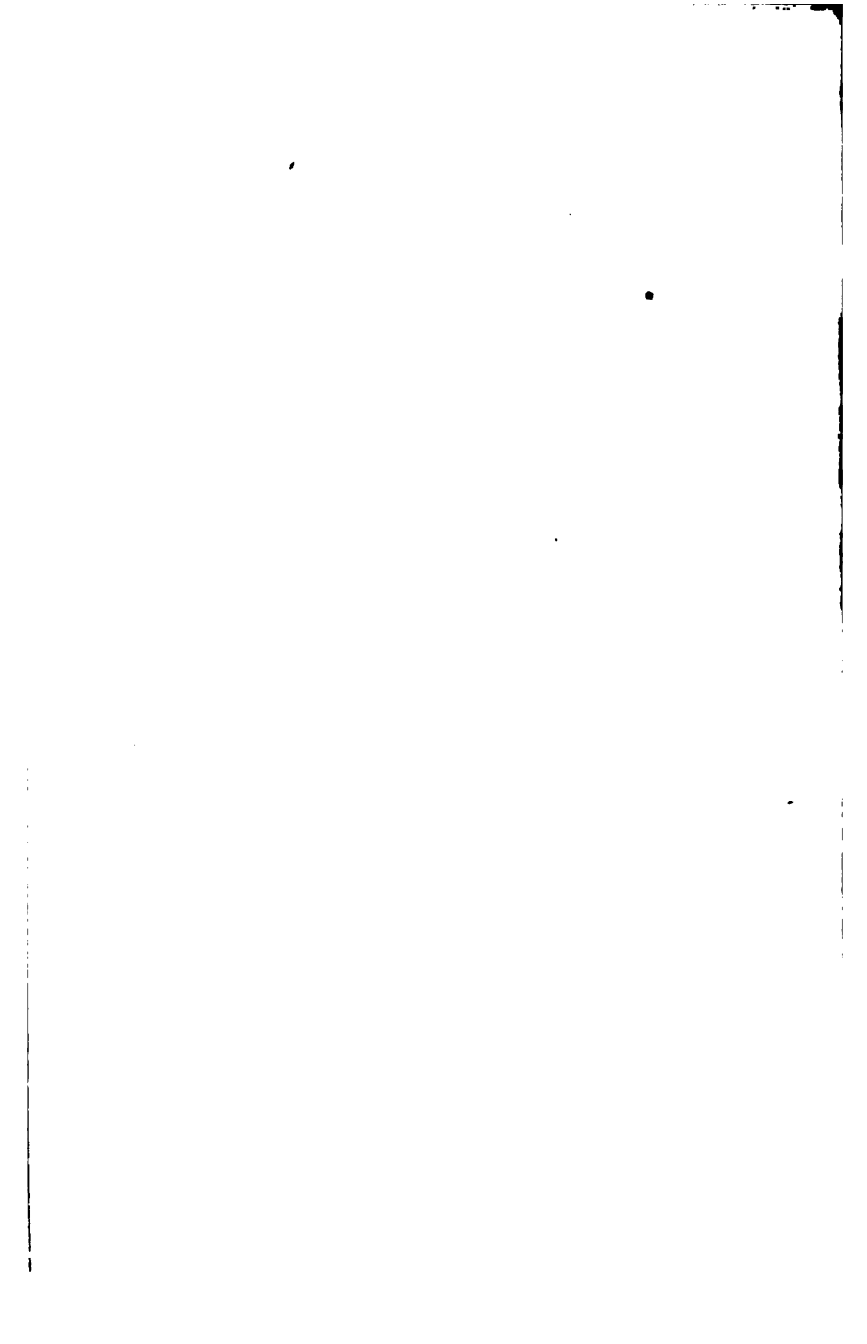
[1] Traducção inédita.

II

EM ITALIANO

POR

TOMMASO CANNIZZARO

I

A UNA CASTELLANA

(*Balladas do Occidente*, p. 25)

Vejo-te á noite andar, como uma feiticeira.

Ti veggo andar la notte, come una fattucchiera,
tra i neri torrioni e i fossi d'un castel,
lieta di quella strana vita d'avventuriera,
e un inquïeto lume scherza nel tuo capel.

Del vento il grido roco intuona da lontano,
del monte su le falde, salmi d'un'altra età,
e il mio pensier si fissa allora — oh sogno strano!
ne l'april tuo di vergine, splendido di beltà.

Io ch'amo i prischi tempi e la grazia leggiera
che corona di luce il calice dei fior',
che più sovente apprendo da vision passeggiera
che dal sermon di qualche severo professor,

T'amo, sì solitaria, trillar tra le muraglie,
dietro dei barbacani, d'un sorriso leggier;
è quella la tua spada che vince le battaglie,
il soffio che dà fiamma e calore ai pensier'.

Certo chi nel midollo de le cose penetra,
chi crede a visioni e i rimpianti ama ancor,
quei può l'ossa esumare de la tumular pietra
e dei passati secoli la tela ricompor.

O castellana, o bello degli inni miei tu fiore,
che abiti d'una torre il silenzio d'avel,
quando gli occhi divini schiudi pien' di languore,
come il saluto estremo d'una morente al ciel,

saltan fuor più faville ch'a un magnan dal martello:
sfogliando nel passato, come un cronista, io vo,
e, te incontrando, incontro in alpestre castello
quell' ideal soave che tanto il cor sognò. [1]

Messina, aprile 1885.

1 Dos *Fiori d'Oltralpe*, seconda serie, Messina 1893. p. 63.

II

RE WAMBA

(*Balladas do Occidente*, p. 182)

Em Egitania havia um homem bom. Lavrava

Viveva in Egitania un giusto. Lavorava
tranquillamente i campi. La terra, come schiava,
a lui schiudeva il grembo uberrimo, profondo;
ei colà raccoglieva il vino, il pan fecondo,
le foglie onde la notte egli intesseva il letto,
e sul quale dormiva allegro e benedetto.
Amava la solenne maestà de le stelle,
i plenilunii, e dolci canti de le donzelle,
andar la notte amava errando per li monti,
abbracciare in delirio i lontani orizzonti,
che ad un gran petto vuoto simili son soventi...
la frescura altre volte cercar de le correnti,
e tra l'armonioso stormire de le piante,
ascoltando le rane appiè de l'acque sante,

iva in estasi, e innanzi l'infinitá sì pura
egli così adorava sommesso la Natura:

« O padre sole, o terra madre che ti riposi,
o fiume, onde a me vennero l'onde battesimali,
mia cuna, e mio sepolcro, alberi maestosi,
monti, onde al cupo abisso avido io sciolgo l'ali,

Qual man misteriosa fa germogliare i fióri,
chi agli ulivi severi largisce il verde manto?
chi dà l'azzurro al cielo, e i fulgidi splendori
chi l'ore estreme colma di soave rimpianto? »

Quindi a scavare i campi disseccati sen giva,
arso dal sole ardente della stagione estiva.
Il bue, quasi un amico, eterno confidente,
gli volgea d'ora in ora un guárdo dolcemente;
ed ambo uniti in una stretta amistade, molto
parlavan de la vita, del caldo, del raccolto.
L'aratro era il blasone di quel re goto antico,
il bue compagno, ed era asilo il campo aprico;
ma del sol gli splendori un dì apparver coperti,
e un'ambasciata strana giungeva in quei deserti,
ed all'agricoltore disse: « il signor c'invia,
o Wamba, il re tu sei di vasta monarchia. »
Con lo stupor negli occhi il novo re, curvato,
nel congedarsi alfine dal bue calmo, dorato,

dai campi, da la pace, da le sogliari porte;
sereno come il cielo, come la virtú forte;
pensando che ai deserti mai più non ritornava,
là dove, i campicelli coltivando, trovava
familiarità cara dei bovi nel muggito,
tanta semplicità divina in ogni sito;
nel vedersi avvizzire le rose in sen, sì ratto,
e quel suo dolce idillio in un punto disfatto,
così rispose: « Or bene, nobili ambasciatori,
s'è ver quel che affermate, se degli agricoltori
il Dio vuol ch'io non vanga, ma impugni scettro e spada,
fiorirà questo pungolo pria che la notte cada.

E, gli occhi allucinati da quel gran giuramento,
alzò, pietosi, il misero, gli sguardi al firmamento,
qual per interrogare, ne l'ansia occulta, ardita,
di quei deserti spazi, la vastità infinita,
che gli direbbe il sole, la nube palpitante,
l'uccel che solca il cielo con vol rapido, errante,
il vento che somiglia a l'inno d'un saltero.
Ma in ogni parte è vuoto, è silenzio, è mistero.
E questa interna fiaccola fu allora, in quel momento
che l'irradiò — la Fede — e il goto con spavento
colà vide ai suoi piedi — gloria d'agricoltori —
verdeggiare un ulivo, ingemmato di fiori. [1]

M. 30 novembre 1891.

---

[1] Dos *Fiori d'Oltralpe*, II, 65.

III

CARME SOLENNE

(*Balladas do Occidente*, p. 88)

Aqui aos pés em fim te deixo commovido.

Qui lascio finalmente ai piedi tuoi, commosso,
la lira in cui cantavo quegl'inni triviali
che sa, donna, ispirare a un cor battuto e scosso
dai venti siroccali.

Quanto è dolor mirare, nel girardino fiorito
've un sogno verginale spandea la tua virtù
in quest'età de l'oro, trovarlo annichilito
e nulla veder più!

Altro ideale in questo momento a sè m'attira;
giacchè chi puó al pensiero troncar che al cielo aspira
i vanni del condor?

Addio! ma sempre avanti in lotta intemerata,
benchè là niun deterga giammai — o vita ingrata!
il pianto de l'amor! [1]

M. 29 novembre 1891.

---

[1] Dos *Fiori d'Oltralpe*, II, 68.

IV

IN MORTE DI VICTOR HUGO

(*Balladas do Occidente*, p. 245)

Ha muito tempo já tinha passado á História

Da lungo il nome suo già possedea la Storia,
al par di lui nessuno sorridergli la gloria
vide si presto, schiudergli le sue grand'ali d'oro,
con un nimbo di luce coprir, di mirto e alloro
la fronte maestosa agli astri somigliante;
nessuno al par di lui traversò, trionfante,
le immense moltitudini che lo coprian di palme
in olocausto offrendogli gli accesi cuori e l'alme.
Ecco perchè commosso trema nel suo desio
il popol come avesse perduto un padre, un Dio;
e va vestito a bruno di lagrime bagnato,
a chinar le ginocchia sul tumulo adorato
dove colui si addorme che fece, vate austero,
l'arpa immortal vibrare che pende sin da Omero,

da Moisè e Valmiki su l'ara de le muse.
Sempre del Ben Levita, qual pellegrino, ei schiuse
tutta la vita il varco al gran tempio del Vero,
libertà, amor, giustizia cantò sereno e fiero.
Aquila della Francia, scendi dal cippo e plora!
mai più tu non udrai la voce alta, sonora
e ferma de l'apostolo, pari a Gesú buon duce,
de grand'eroe caduto lottando per la luce! [1]

M. 29 novembre 1891.

---

[1] Dos *Fiori d'Oltralpe*, II. 69.

V

SUB UMBRA

(*Balladas do Occidente*, p. 78)

1.

Quando a vi, sôlta ao vento
a madeixa doirada.

Abbandonata al vento
la sua treccia dorata,
come nel firmamento
l'aurora appena nata,

la vidi; e in quel momento
idea colse inusata
e ardito un sentimento
l'anima imperturbata.

E tosto — oh che dolore! —
io caddi, oh incerta vita!
martire de l'amore,

come in landa romita,
appiè del cacciatore,
la rondine ferita.

M. 29 novembre 1891.

2.

No sombrio futuro
não sei o que me espera!

Nel sinistro futuro
qual m'attenda ombra nera
non so, — l'è tanto scuro!
par l'antro di una fiera.

Come un porto securo
per me la vita l'era...
che sol sereno e puro!
che lieta primavera!

Dove sal, dove ardita
va l'anima rapita,
tra l'onda lieve stelo?

Di flutto in flutto errante,
fors' ella trionfante
sal da l'inferno al cielo! [1]

M. 1 dicembre 1891.

---

[1] Dos *Fiori d'Oltralpe*, II, 70.

VI

RELIGIO-AMOR

(*Balladas do Occidente*, p. 62)

No enthusiasmo da festa popular

Ne l'ardor de la festa popolare
tratto un dì fui, da occulta forza accenso,
fra i mistici profumi de l'incenso
a penetrar nel tempio ed a pregare.

Con le pupille maestose e chiare,
pari a raggi di sol vivido, intenso,
guatavan muti per lo spazio immenso
martiri e santi dal divino altare.

China la fronte al suol languidamente,
i ginocchi, raccolta, Ella fletteva,
come soave calice di un fiore.

Io che per essa esisto unicamente
chiaro di Cristo il culto esser vedeva
culto del cor, religion d'amore. [1]

M. 10 giugno 1893.

---

[1] Dos *Fiori d'Oltralpe*, II, 324.

VII

ANNO NUOVO

(*Nuvens*, p. 63)

Salutiamo ogni amica
gente, — l'anno si desta;
dei padri usanza antica
del buon popolo è questa:
Sempre in ogni stagione
seguir la tradizione.

Chieder non mi vedrai
pel lavor mio le *strenne:*
prezzo non ebbe mai
quel che dal cuore venne,
ma un saluto soltanto
e un desiderio santo

che a te l'anno novello
sia dolce e glorioso,
d'ogni letizia bello,
soave il tuo riposo;
su te splendano i cieli
senza nubi nè veli.

Dio, nata appena, o bella,
ti baciò con sorriso,
dolce ti diè favella,
negli occhi un paradiso;
tu passi e i vezzi tuoi
cantan gli uccelli a noi.

D'ogni miglior ventura
che da lungi ti chiama,
inghirlandata e pura,
vivi, riposa ed ama;
la vita senza amori
è un giardin senza fiori... [1]

[1] Esta traducção foi primeiro publicada no opusculo que com o titulo de *Anno-Novo* dei a lume em 1895 (Barcellos Typ. da *Aurora do Cavado.*)

VIII

IN SOLITUDINE

(*Nuvens*, p. 71)

Di là da le montagne Ella dimora,
dei rimpianti negli èremi lontani,
d'onde vien questo sol che m'innamora
e inonda il cor di santi raggi arcani;
d'onde, cantando, vien questo torrente
che tra le spume e sassi abbate, algente.

Oh quante volte, de la fantasia
sovra il miraggio, o sol, nel mio dolore,
bel ti vidi di tua luce natia!
quante, ò fiume, il tuo grido udii di amore,
nel mio folle pregar l'eloquio brando
credendo udir, vederla immaginando!

Come in processione un pellegrino,
segue il suo corso arcanamente il sole...
fugge rapido il fiume in suo camino...
io, senza tregua, ho supplici parole,
e a me un poema di dolor risponde
degli astri nel fulgor, nel suon' de l'onde. [1]

[1] Traducção inedita.

IX

NEL DESERTO

(*Navens*, p. 115)

Ore, ahimè, fûr di sconforto
quando, fuor di speme, il core
io sentiva quasi morto,
senz'amore.

Passar vidi sole e luna
e di te gl' interrogai;
te in quel raggio, su la duna,
contemplai.

Sospirando passa il vento:
— Dove vai vento su e giù?
Di me a lei nel tuo lamento,
parla tu!

Ah perchè, nubi, offuscaste
la mia gioia e, solo intanto,
qui la notte mi lasciaste
col mio pianto?

Il sol cade, e niun risponde
ai rimpianti, ai miei dolori;
ma la luna si nasconde
tra i vapori.

Ogni notte ed ogni giorno
che tortura senza par:
non poterti stare intorno,
nè parlar! [1]

Messina, 28 Dicembre 1896.

---

[1] Traducção inedita.

X

CASTELLO SULLA SPIAGGIA

(*Nuvens*, p. 127)

Tu fendi, o bel castello, erto sul mare,
il ciel, quasi profonda evocazione,
e in alto s'ode medieval canzone
euro gemer tra i merli e sibilare.

Canti d'amor, tornei, grida udir pare
di caccie antiche; e de l'erma prigione
il vecchio castellan nel torrione
ricorda, affranto, il tempo secolare.

Oh chi d'esser mi dà, di spada armato,
d'usbergo e scudo, un prode cavaliero
pel mondo errante da l'amor guidato!

Ed ecco salutarmi il popol pio,
per quel bellico ardor meravigliato,
ecco felicitarne l'amor mio! [1]

Messina, 28 Dicembre 1896.

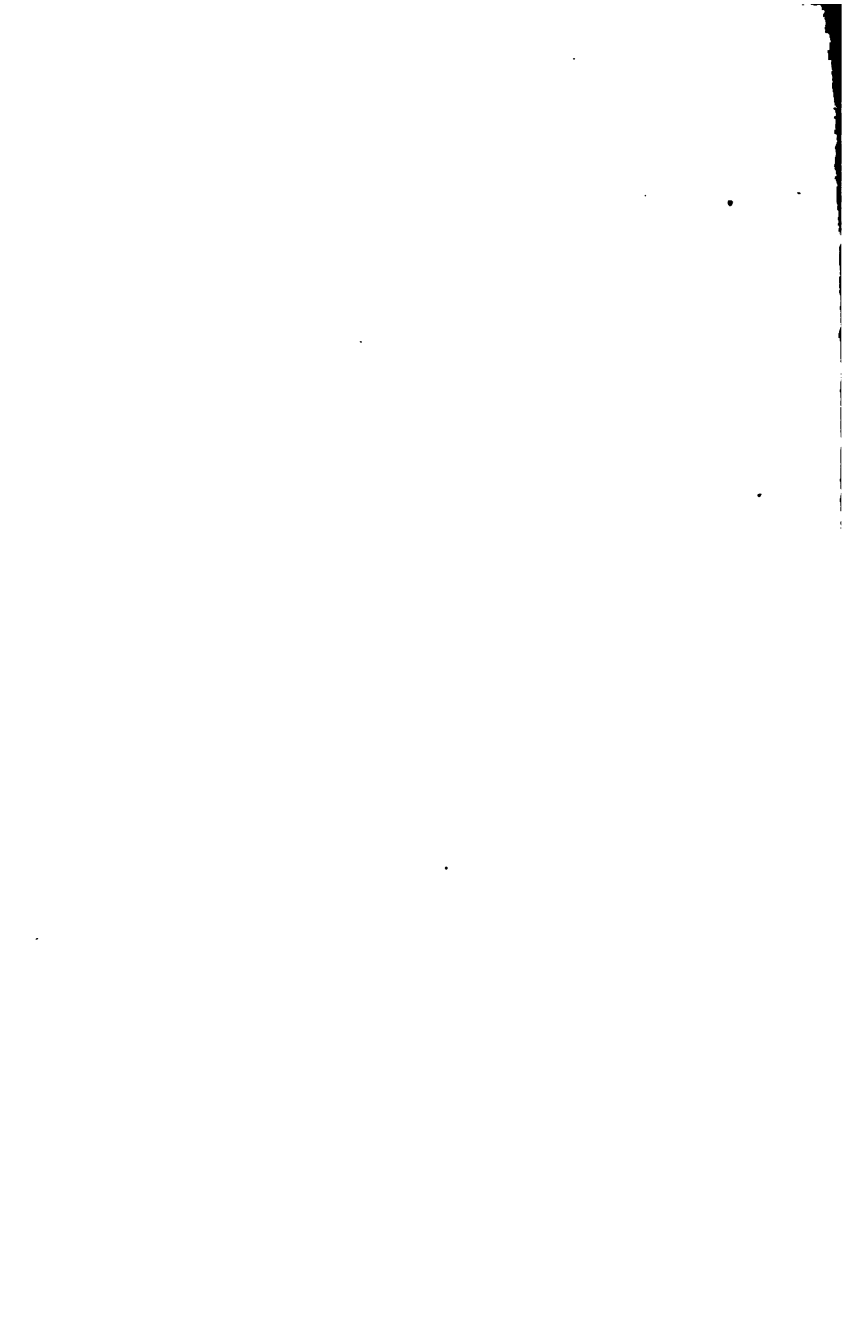
---

[1] Traducção inedita.

III

EM ALLEMÃO

POR

WILHELM STORCK

ABSCHIED

(*Balladas do Occidente*, p. 47)

Meinen Mund umspielt ein Laecheln,
Doch mein Auge schwimmt in Thraenen.
PORTUG. VOLKSLIED.

Jeder muss, trotz Widerstreben,
Doch erfüllen sein Verhängniss;
Lebe wohl, du Quell der Zähren,
Die ich oft vergoss in Bängniss.

Lebe wohl, du grüner Eichbaum,
Rings den Platz mit Schatten labend,
Wo ermüdet ruht der Pilger
Auf Johannistag, am Abend.

Ach, du wurdest mein Vertrauter,
Warst getreu und konntest schweigen;
Welch beglückte Zeit verlebt' ich
Unter deinen Laubgezweigen!

Lebe wohl, du schmale Brücke,
Halb von Epheugrün umzogen,
Die der Liebsten Dorf und meines
Hold vereint, ein Friedensbogen.

Lebe wohl, du Stern im Norden,
Mein Magnet, der ohne Zaudern
Nachts mir wies die Weg' und Stege,
Wenn ich ging mit ihr zu plaudern.

Lebe wohl, du gold'ge Halle,
Wo sie Abends stand in Freuden,
Eine Kön'gin oder Heil'ge,
Zwischen Blumen und Gestäuden.

Lebet wohl! ich muss von dannen;
Keiner ist, der mich begleite,
Als die nächtigdüst'ren Schatten
Und die schweigenden Gebreite. [1]

---

[1] Do livro intitulado *Aus Portugal und Brasilien*, Münster i. W., 1892, p. 185.

IV

EM SUECO

POR

GÖRAN BJÖRKMAN

MOD!

(Balladas do Occidente, p. 265)

Hvem hindrar oss vår väg att framåt draga?
Hvem klär i moln vår himmel?... Hvar en man
en hjelte blef, i Fädrens bok han fann
lust att der skrifva ock sin egen saga.

Må i dess brunn du då ett elddop taga!
Mins Fädrens lösen: »den, som vill, han kan»!....
Hvad mer, om hjelten sjelf ej målet hann?
Den vägen bröt, kan nöjd att dö sig laga.

Slockne ej lifvets flamma i ditt bröst,
sjunke ej blicken, stirrande mot gruset,
der den mot stundens sorg ej finner tröst.

Bragd dör ej, och ett godt är städse ljuset;...
förbannar Satan det, så sker det blott,
derför att blindhet han till syn har fått. [1]

---

[1] Do livro intitulado *Ur Portugals samtida diktning*, Upsala (1884), p. 57.

INDICE

APPENDICE

Traducções de várias poesias do mesmo auctor